ARA· ODOS...
ANNO XIII — NUM. 636 — Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1931 — PREÇO: 1$000
BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL SECÇÃO

Publicação das mais cuidadas e impressa em rotogravura, o

CINEARTE - ALBUM

está á venda em todos os jornaleiros do Brasil, mas se houver falta nesses jornaleiros, enviem 9$000 em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do Correio á

Gerencia do CINEARTE - ALBUM

RUA DA QUITANDA, 7 — Rio — que receberão um exemplar

Preço 8$000, -- Nos Estados, ou pelo Correio, 9$000

As tintas para cabellos e alguns conselhos por
A. DORET

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessôa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta annos de experiencia, de estudos, de applicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o grão de perfeição ao da casa Doret; tenho no meu estabelecimento clientes de toda as nacionalidades que attestariam a superioridade de meus methodos de tingir os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessôas longe do Rio de Janeiro, recommendo nunca tingirem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxygenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

A Casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos incomparaveis para a belleza da pelle e cabellos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa.

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné, pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessôas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute. os cabelleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas.

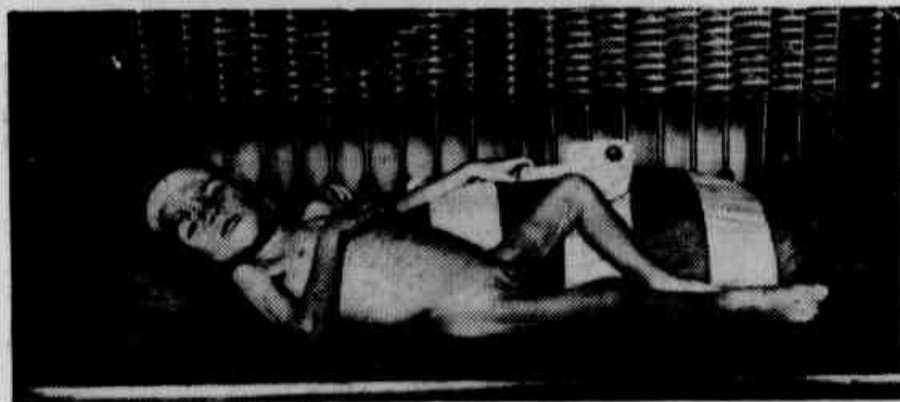
A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

Centenas de casos identicos

Doentinho da clinica do Dr. Oswaldo Pontes —

Praça Pedro 2º n.º 1. — Manáos.

Estado do Amazonas

ANTES DO TRATAMENTO

Eurico Sergio, aos 16 mezes de idade

Manáos-Agosto de 1930. (a) Dr. Oswaldo Pontes.

Eurico Sergio, aos 24 mezes de idade

Depois do tratamento pelo "Cazeon" nova fórmula

NOVA FORMULA

ACÇÃO ENERGICA
DIGESTIVA
ANTI-VOMITIVA
ANTI-DIARRHEICA

Mistura-se ao leite ou qualquer alimento

ADULTOS

Super-Alimento - LAB. NUTROTHERAPICO-RIO

Do "Carnet" Azul de Noctambulo

1

O noctambulo é como aquelle poeta russo que desejava morrer queimado no fogo de suas proprias illusões...

2

Um mendigo que se encontra na sargeta é o pesadello dos sonhos bons que nos dá a noite...

3

Até a treva sonha: aquelle quadro illuminado da janella aberta no fim da rua escura!...

4

A's vezes, quando um jogador volta arruinado do jogo com ares tragicos suggere-me este pensamento: Se elle tivesse um revolver não se mataria: vendia-o...

5

A tragedia do guarda-nocturno é o seu proprio apito...

6

O annuncio luminoso é um propagandista **snob**, de bengala, polainas, monoculo e um enorme brilhante no dedo...

7

Eu não sei por que, mas, no silencio da noite, a ronda da cavallaria lembra os Quatro **Cavalleiros do Apocalypse...**

8

As portas que dormem abertas são a **Chanaan** sonhada dos mendigos...

9

Os amantes das **garçonnettes** têm qualquer cousa de Romeu: esperam até meia-noite...

10

O noctambulismo é uma doença grave e summamente exotica: todo noctivago faz a sua propria sentinella...

11

O relogio da Prefeitura anda muito depressa...

Bahia

SOUZA AGUIAR

Eu perguntei...

Eu perguntei á noite serena e prateada de luar:

— "Por que o perfume das flores se torna mais intenso quando chegas?"

E, docemente, a noite murmurou:

— "As corollas brilhantes e as cores delicadas não foram feitas para as minhas trevas, apenas diminuidas pelo luar; e por isto as flores me concedem os seus perfumes mais intensos

SENSAÇÃO ! BREVE !
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução !

e me envolvem num resto de primavera".

A' flor da noite eu perguntei:

— "Por que esperas a escuridão, antes de abrir as tuas petalas e exhalar o teu perfume?"

E a flor, muito branca, sussurrou:

— "Eu sou o sonho da primavera que dorme, sou ephemera, amo o silencio... amo o luar!"

. . . .

Eu perguntei ao coração que recordava:

SENSAÇÃO ! BREVE !
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução !

— "Por que palpitas tanto? Por que a tua saudade é mais intensa, e mais nitida a lembrança do sonho que passou?"

O coração suspirou..., e disse:

— "Chegou a noite do abandono e da desillusão; quero envolvel-a no perfume intenso de uma grande saudade... E' só o que me resta..."

Ainda uma vez eu perguntei:

— "Mas por que sonhas? Por que permittes que illusões loucas desabroches em ti, como nas trevas desabrocha a flor da noite?

Não vês que são ephemeras? que são filhas do silencio e do abandono?

Oh! coração, por que sonhas ainda e ainda esperas?"

Desta vez o coração não respondeu...

Apenas soluçou baixinho...

Snil

SENSAÇÃO ! BREVE !
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução !

FEIA

Mais vale uma illusão fagueira
que uma realidade dolorosa...
Guimarães Passos

E' magra como um espique
E tem os olhos sem brilho...
E' a menina mais feia do seu bairro!..
Mas Deus, que fez o céo tão grande
Para conter tantas estrellas,
Fez tambem immensa a alma da menina feia,
Para conter todos os desejos
Que ella sente quando olhas o céo!...
Ella vê a vida da natureza tão bonita,
Alvoradas tão lindas,
Occasos tão cheios de luz,
Que os seus olhos não têm,
E sente que não vive!...
Pobrezinha! Ella sabe o que é o amor,
Adivinha lá fóra as companheiras felizes,
E chora á tôa...
Sua unica felicidade
E' pensar que podia ser bella!...

ANTONIO GABRIEL
(Do livro "Torre de Babel")

ORAÇÃO DA MORTE

Esperemos docemente a morte. É o instante da não separação que se aproxima para nós, tão dilacerados em nossos corações sempre apartados um do outro. Que o mesmo caixão nos leve ao mesmo tumulo, que nossos ossos se misturem, no seio tranquillo e sombrio da mesma terra, e que o pó do que foi nossos corpos se confunda para sempre. E assim unidos, indistinctos, tenhamos enfim a paz e a eternidade que buscavamos em vão por entre os tumultos da vida.

Ou então que os nossos corpos sejam queimados juntos e a mesma urna guarde as nossas cinzas, que reünidas se confundirão como foram unidas as nossas esperanças, as nossas alegrias e as nossas penas e sejamos assim, além da morte, para sempre inseparaveis.

GRAÇA ARANHA

occupado por mil pessôas, mil negocios e não têm tempo para acompanhar vibração por vibração, rythmo por rythmo a vida da cidade. Mas, as almas contemplativas não perdem um só desses phenomenos encantadores.

Eu amo as 24 cidades cariocas. Mas, tenho um amor especial, religioso, pelas cidades nocturnas. As outras não vivem uma vida tormentosa e tragica: offerecem, tão sómente, typos e scenas de invariavel vida burgueza, onde não se assiste a nenhuma situação violenta, brutal. Os espectaculos da dôr sempre nos attrahiram mais. E as cidades nocturnas offerecem scenas de tragedia, paysagens do humano soffrimento, scenarios dos infernos d'alma. Tudo na noite infunde terror. Vultos que á luz do sol seriam normaes, assumem, na penumbra, proporções de verdadeiros monstros, duendes pavorosos. Um homem que sahe, pacificamente da tréva, dá-nos a impressão de que irrompeu de um alçapão de magica. A' noite, emfim, todos os factos são insolitos, desconcertantes e o contorno das figuras torna-se arbitrario. Ha na epiderme das flôres arrepios de angustia humana.

CAES DO PORTO DO RIO DE JANEIRO

CIDADES DE AMOR

POUCOS os que conhecem o Rio nocturno. E, no emtanto, é á noite que vida da cidade se torna mais intensa, dramatica, impressionante. O Rio transforma-se, então, na cidade do amor e do martyrio. Um poeta oriental aconselhava aos viajantes: "Se queres avaliar a capacidade de uma metropole para o amor e para o martyrio, passa uma noite em suas ruas". Outro poeta, desta vez occidental, dizia: "Quem quizer se approximar da alma de uma cidade, procure conhecer sua vida nocturna. Não quero alludir á vida nos "cabarets", nos casinos, nas casas de amor. Quero alludir á vida nas ruas". O leitor dirá, agora: "Os unicos que não dormem, á noite, numa cidade, são os frequentadores dos "cabarets", dos casinos, etc. Se o poeta não se refere a esses, a quem se refere? Ao guarda nocturno, talvez? Será, acaso, a guarda nocturna a alma de uma cidade?" Quasi ninguem acredita que, fóra os "habitués" dos "cabarets" e o vigilante, haja, no Rio, depois de certa hora, uma só alma em vigilia. Dahi porque eu disse acima: "Poucos os que conhecem o Rio nocturno". Dahi, tambem, porque eu repito a phrase do poeta oriental: "Se queres avaliar a capacidade de uma metropole, para o amor e para o martyrio, passa uma noite em suas ruas". O Rio, á noite, é a cidade do amor e do martyrio...

De dia, em qualquer cidade, só encontramos aspectos falsos, panoramas que não exprimem nada ou mostram, quando muito, a maior ou menor intensidade da vida commercial de um povo. De dia, em summa, o visitante não acha com que se informar das paixões, dos sentimentos mais significativos de uma gente.

Gomes Carrillo, escrevendo sobre a arte de viajar, observou que as cidades soffrem alterações, modificações completas, segundo a hora, a chuva ou o sol, a estação e mesmo o estado da alma de quem as contempla. Isso, aliás, não só acontece com as cidades, mas, igualmente com os homens, as mulheres, as flôres. O Rio não constitue excepção. Tambem como as outras metropoles, soffre o prestigio do tempo, da altura do sol ou da lua, da primavera, etc. E ao mesmo tempo que suas ruas e casas e monumentos vão passando por essas metamorphoses todas, a alma de sua gente, de igual modo, passa, sem cessar de um estado para outro .Quero, agora, estabelecer a distincção que ha entre a cidade nocturna e a matinal. São dois Rios irreconciliaveis. Ao amanhecer, o Rio é infantil, amavel, luminoso: uma paysagem de sonho ou uma aquarella de album; o céo é de um azul mais brilhante e profundo; as montanhas são de madreperolas; as as flôres são alvas como o pescoço de uma mulher loura;ha nas arvores, paraizos de ternura; quem se debruçar, curioso, na alma carioca, só verá quadros de belleza, primaveras de pensamentos generosos, sentimentos lindos como rosas.

Emquanto isso, o Rio nocturno é a cidade das agonias silenciosas, dos martyrios calados, das tragedias subterraneas, dos crimes sem castigo, das voluptuosidades pungentes. Sob a vigilia dolorosa das estrellas, até as pedras da calçada têm uma alma soffredora!

Foi Baudelire quem exclamou: "A gloria de Paris é conter cem cidades differentes!" Quasi posso dizer o mesmo do Rio. No emtanto, direi, apenas, que o Rio contem 24 cidades distinctas, correspondentes ás 24 horas do dia. De facto, a cada hora que passa, a cidade se despe dos aspectos anteriores e se veste com novos aspectos, novas côres, nuances subtis, canções, flôres, aromas novos. Certamente essas transformações incessantes escapam ao olhar de quem vive pre-

A' medida que a noite vae avançando, vamos adquirindo uma segunda vista, graças á qual conseguimos encontrar, numa paysagem ou numa mulher, que não nos interessaram de dia, uma belleza surprehendente. E, não raro, á noite, descobrindo um sentido novo em certas cousas, nós nos julgamos victimas de allucinações. Entretanto, o que nos acontece, é um simples refinamento das faculdades de observação, que nos permitte varar o mysterio e encontrar a belleza occulta.

Está assim, explicado o meu amor pelas cidades nocturnas. Nunca poderemos amar com vehemencia as cidades do meio dia, mesmo porque não nos sobra tempo para assistir os seus espectaculos. No decorrer do dia, a febre dos multiplos negocios, a conquista dos elementos de subsistencia, nos absorvem; na rua, sobretudo, os nossos ouvidos, os nossos olhos são solicitados por ruidos, figuras, factos tão diversos, que, nesse tumulto, as nossas faculdades de observação annullamse e só podem fazer exames rapidos, superficiaes. A' noite, porém, as nossas observações são methodicas e effectuadas segundo os processos obrigatorios. De resto, o silencio e a solidão apuram os sentidos. E, assim, á noite, o homem torna-se mais penetrante e, facilmente, rompe a nevoa que envolve certas cousas e acha, por fim, o contorno da realidade.

Um poeta francez, diz num canto: "...a todo instante, a nosso lado, florescem formas invisiveis. Durante o dia essas formas passam despercebidas, ao passo que, á noite, podemos contornal-as, e isso porque as horas nocturnas apuram os nossos sentidos". Certo amigo meu todas as vezes em que, á noite, cheira uma rosa, sente, nitidamente sente, o contorno do perfume que se evola da flôr: "contorno igual ao de um corpo femini-

ao", escreve-me elle, intrigadissimo. Allucinação? Absolutamente. E' que, no silencio e na solidão da noite, o tacto do meu amigo se aperfeiçoa.

Acredito que a belleza das cidades nocturnas venha menos das proprias cidades do que de um sortilegio magnifico da noite. E' a noite milagrosa transformadora das casas, das ruas, das avenidas, das almas e da carne! E' ella quem dá tanta exaltação aos homens e ás cousas! E' ella quem nos permitte comprehender que o perfume são os braços das flôres! E' ella quem nos convida a obedecer á natural sabedoria do instincto! "Freira que têm fogo nas entranhas", cantou um poeta. Com sua enganadora pureza, ella nos suggere paraizos de voluptuosidade! O halito de sua bocca invisivel, é um veneno subtil que enlouquece as criaturas!

Cidades nocturnas: cidades de entranhas de fogo! Parecem adormecidas e, no emtanto, vivem o grande instante de sua vida. Mudas como são, apparentemente castas, provam todas as exasperações surdas do vicio e, ao mesmo tempo, todas as glorias macias do amor. Cidades de entranhas de fogo! O passeante abstrahido, nada vê. E, no emtanto, que soberbo conflicto de vozes, de gritos, de aromas, côres, scintillações, pensamentos, gestos! Em cada esquina, em cada portão, sob as arvores estão amantes que vivem a hora mais

E DE MARTYRIO

Por

NELSON RODRIGUES

tormentosa de sua vida. Aqui, encontramos uma mulher, ardente, impetuosa, que se consome numa impaciencia de labaredas. Ali, vemos uma senhorita, que o prazer torna vibrante como uma columna de fogo. Mais além, fixamos um amante habil, cujas mãos, acompanhando as formas da mulher desejada, encontram o rythmo de melodias desconhecidas e superiores. Sob uma arvore, uma mulher palpita, vibra de ansiedade, ao sentir, sobes espaduas resplandecentes, a pressão de uma bocca; e esse beijo, sobre os seus hombros desnudos, onde brilham as estrellas do suor, repercute intensamente nos seus musculos, referve seu sangue e desperta nas cordas de sua sensibilidade, as musicas vertiginosas da loucura sensual. Junto a um portal, quasi esbarramos com uma menina, cuja bocca supplicante soffre como uma rosa de martyrio. Mais adeante, encontramos uma adolescente, cujas formas, animadas pela paixão, movem-se com a melodia de uma onda. Finalmente, ao dobrar uma esquina, fixamos uma mulher exgottada: todo o seu organismo parou, numa syncope: a sua actividade muscular e a circulação do seu sangue parecem estar suspensas: apenas os olhos, arregalados e brilhantes, repontam na febre da vigilia. (E o luar é uma grande lingua dourada lambendo a carne dos predios...)

Poucos os que assistiram aos espectaculos diversos, dramaticos das cidades nocturnas! Poucos os que avaliaram a violencia das paixões desencadeadas! Poucos os que viram a exaltação das almas confundidas! Poucos os que apreciaram o esforço dos amantes que procuram conter o infinito num só beijo! Poucos os que comprehenderam a alma do asphalto! (o chão das cidades, á noite, torna-se sonóro; os nossos passos arrancam soluços das calçadas). Emquanto vós outros perdeis o tempo nas casas de amor, amantes enlouquecidos bailam ao som da musica da loucura sensual! Emquanto perdeis o tempo nas tertulias estereis dos cafés, as ruas, as esquinas, as estrellas, as avenidas rodopiam na furia gyratoria dos desejos! A' noite, não encontramos uma mulher que não seja movimento, ansia, musica, vôo.

As proprias flôres, sob a ternura inquietante do luar, soffrem o martyrio do amor desattendido. Quantas rosas amanhecem inexplicavelmente mortas. Mortas de que? De paixão. A' noite o amor é universal. E as flôres esquecidas morrem de inanição, porque ninguem lhes attendeu á fome de beijos. "As flôres", dizia um botanico illustre, "sentem tambem necessidade de amar". Assim a morte inesperada de uma flôr, que sempre foi bem tratada, no que se refere á sua existencia physica, tem uma explicação: o desespero de uma alma que não se resignou a viver solitaria. Ha, entretanto, flôres que sobrevivem ás catastrophes sentimentaes, e só morrem pela ruina organica. Essas, alguem classificou de "freiras". Mas, a noite, com sua suggestão de immensa alcova, tambem inflamma a casta epiderme das "monjas" dos jardins. Um poeta disse que as flôres soffrem, amam, desejam tal qual a mulher mais sensivel. Eu acredito nesse poeta todas as vezes em que entro num jardim e vejo rosas ou magnolias soffredoras. E não é illusão: já observei, escrupulosamente nas flôres, manifestações inconfundiveis de dôr, manifestações que contrahem horrorosamente as suas petalas e tornam o seu perfume doloroso como um gemido.

Nunca se poderá confundir as cidades nocturnas com cidades do meio dia. A noite, como já disse, transforma tudo e sua influencia prolonga-se das paysagens ás pessôas, das pedras á carne, da carne á alma e á intelligencia. A epiderme da mulher, á noite, é vibrante como a petala de uma rosa ou como a pelata de uma estrella; e a sua sensibilidade arde no desejo de caricias pungentes, volupias ineditas, prazeres exquisitos, contactos electrizantes.

Homens que, á luz do sol nos pareceram normaes, reflexivos, mostram-se, á noite, transtornados, impulsivos, capazes das maiores aberrações, das mais espantosas incoherencias, de actos de pura insania. Mulheres que se nos afiguraram de gelo, á noite têm fogo nas entranhas. Perfumes que durante o dia nos emocionaram como caricia fraternal, á noite nos exasperam como uma caricia diabolica.

A' noite, os galhos das arvores exprimem a angustia inenarravel de braços que se não pódem converter em asas.

◆ ◆ ◆

A noite só esclarece as almas naturalmente contemplativas, as intelligencias indagadoras. Mais um motivo por que são tão escassos os que conhecem as cidades nocturnas. E' pouco ou nenhum o tempo para as investigações que são a delicia de certas intelligencias. Mas, os contempladores intransigentes têm o seu momento de satisfação á noite, quando, então, podem observar livremente. Estes são os eleitos, os unicos que podem entrar nas cidades nocturnas e desenterrar a verdadeira alma das ruas, que jazia sob um Hymalaia de preconceitos, mentiras, aspectos falsos. Os outros terão de se contentar com a superficie, as linhas exteriores.

"A gloria dos homens que conhecem as ci-

(Termina no fim do numero)

AVENIDA BEIRA-MAR, RIO DE JANEIRO

outros dois quartos. Meu filho mais velho, Diniz, que ali se encontrava, estava de pé sobre uma cadeira, e ao descer della amassou dois soldadinhos de estanho que se achavam no chão. Minha mulher, preoccupada em não abandonar o enfermo muito tempo, apressou-se então em voltar para o quarto delle e, acercando-se da cama, ouviu de Adriano: — Diniz malvado! Está quebrando os meus soldadinhos.

No emtanto, durante os cinco dias de doença elle não havia nem uma vez falado dos soldadinhos, de sorte que essa observação estava longe de qualquer coincidencia approximativa. Nem mesmo podia tratar-se de transmissão de pensamento da mente de minha mulher, porque esta estava certa de que no momento pensava sómente no enfermo. O que eu posso explicar em vista disso é que provavelmente em certos momentos e em certas condições a alma póde afastar-se do corpo e transmittir a este as observações que fez durante o seu vôo independente. Essas condições parece que occorreram no caso classico de sir E. Ridder Haggard, que escreveu uma carta ao Times, ha alguns annos, contando-lhe o seguinte facto: tinha perdido o cão favorito. Em sonho, viu-o estendido em certo ponto da estrada de ferro e, das investigações feitas, resultou que realmente o corpo do animalzinho estava lá. Não havia outra razão especial para que aquelle ponto dos trilhos mais do que qualquer outro, occorresse á mente de sir Haggard. Outro caso classico é o de um assassinio celebre do seculo XVIII, tendo a mãe da assassinada sonhado por tres vezes que via o cadaver de sua filha escondido em certa localidade. O logar foi explorado e o corpo foi realmente encontrado. Ha um grande numero de casos semelhantes, que se poderiam citar. A explicação delles está na supposição de que a alma se lance fóra do corpo, á semelhança de um balão captivo, ficando presa a elle por um fio.

ARTHUR CONAN DOYLE

O que sobrou do Carnaval
(Desenho de Thea Proctor)

Onde está a alma na inconsciencia?

Minha attenção foi fortemente attrahida para este assumpto por dois factos recentes: um pessoal e outro occorrido em minha familia. O primeiro desses acontecimentos, menos significativo que o outro, foi a mim que succedeu. Ha duas semanas me foi ministrado um anesthesico pelo meu dentista. Eu tinha ido ao gabinete em carro fechado, acompanhado por minha mulher e pelos nossos dois filhos, os quaes permaneceram no carro, que continuou a excursão. Sob a influencia do anesthesico eu estava realmente conscio de ter voltado á carruagem em movimento, e pude perfeitamente ver os que a occupavam, ao passo que estava certo de que elles me não viam. Esta sensação naturalmente póde ter sido inteiramente subjectiva, mas a impressão era muito clara.

O segundo acontecimento é mais convincente. Meu filho Adriano, de cinco annos, achava-se gravemente doente de pulmonite e estava estendido no leito, em estado meio comatoso, com uma temperatura de quarenta e um gráos. Minha mulher, que o tratava, deixou-o por um momento, afim de ir procurar qualquer cousa no quarto das creanças, separado por

Bailes infantis

O Carnaval das outras crianças

No Club Guanabara, No Club Nacional. No Theatro Republica. No Gremio Republicano Portuguez. No Centro Israelita.

Carnaval

Em Ipanema

Na Cidade

Tres instantaneos do baile do Country Club

Dois instantaneos do baile do Club Nacional, que foi o baile mais alto do Carnaval de 1931: 12º andar do Edificio Odeon,..

ESPELHO

O atelier de Brancusi em Paris

O esculptor Constantin Brancusi com o seu amigo

A CABRA EXPIATORIA

— Ah, seu Evaristo, seu Evaristo! O Senhor não sabe o mal que o alcool faz a minha mulher.

— Mas quem bebe não é você?

— Sim, Senhor. Mas que apanha é ella.

APTIDÕES

— Se eu tivesse um busto como o teu, teria ganho muito dinheiro no Carnaval.

— Como?

— Isso ahi dava um esplendido réco-réco.

As Agulhas - Negras

na Serra de Itatiaya

(Photo Centro Excurcionista)

Sahida das aguas

na represa de Santo Amaro

(Photo Medina)

Nóa - Nóa

Mascara africana de guiné

Elé - Elé

O POBRE SONHADOR

— Quando a gente espera a hora de falar ao homem que nos vai arranjar um emprego...

Carnaval

Em Ipanema

Tres instantaneos do baile do Country Club

Na Cidade

Dois instantaneos do baile do Club Nacional, que foi o baile mais alto do Carnaval de 1931: 12º andar do Edificio Odeon...

ESPELHO

A CABRA EXPIATORIA

— Ah, seu Evaristo, seu Evaristo! O Senhor não sabe o mal que o alcool faz a minha mulher.

— Mas quem bebe não é você?

— Sim, Senhor. Mas que apanha é ella.

O atelier de Brancusi em Paris

O esculptor Constantin Brancusi com o seu amigo

APTIDÕES

— Se eu tivesse um busto como o teu, teria ganho muito dinheiro no Carnaval.

— Como?

— Isso ahi dava um esplendido réco-réco.

As Agulhas - Negras

na Serra de Itatiaya

(Photo Centro Excurcionista)

Sahida das aguas

na represa de Santo Amaro

(Photo Medina)

Nóa - Nóa

Mascara africana de guiné

Elê - Elê

O POBRE SONHADOR

Quando a gente espera a hora de falar ao homem que nos vai arranjar um emprego ...

A MOÇA DO SITIO DE

Vestido de ar livre apresentado por MARY BRIAN.

A PASSAGEM dos dois caminhões atulhados de moveis pelo atalho habitualmente socegado foi motivo de novidade e de espanto para os moradores daquelles mocambos.

Os carros vingavam a custo a aspera subida em curva e se dirigiam á casa do abandonado sitio de Yoyo Coelho. Não havia duvida agora: vinha mesmo gente nova para ali.

Uns dias antes appareceram janellas escancaradas, varreram, espanaram, lavaram, e depois trancaram tudo outra vez. Teria sido apenas para conservar o predio? Iria voltar dona Evangelina com os filhos? Ou seriam de facto habitantes extranhos?

— Eu maldo que a comadre dona Vanja vendeu o sitio...

— Tambem desconfio, Zefinha.

— Quem será esse povo, hein?

— Pessoal "lórde". Mobilias muitas. Até piano!

E a mulher do Joaquim Felippe da garapeira enquadrava-se na porta do casebre, de saia vermelha com ramagens, mãos na cintura, apreciando o trabalho de descida dos moveis que iam sendo levados para o interior do amplo edificio. A vizinha, na janella, embora com menos precisão, por ser myope, procurava bisbilhotar a vivenda que ficava num alto entre muitas arvores de larga sombra.

— Quando o chauffeur voltar eu pergunto. Estou mortinha para saber que nação de gente é essa...

Os caminhões agora desciam de embalagem feita e as duas mulheres se decepcionavam com a possibilidade de não obter os informes almejados quando o carro de detraz subitamente recorreu aos freios e o rapaz que o guiava pediu um boccado d'agua.

— "Apois não".

E depois do chauffeur se desalterar:

— Vosmecê veio do sertão?

— Não senhora; do Recife...

— Esse povo que vae morar no sitio é de lá?

— E'... Uma familia que morava num palacete, no Caldereiro... Não sei o nome, não... Pessoal de cobres!

E, com uma carêta, olhando em roda:

— Não invejo o gosto... Nesta brenha...

Pulou para o carro e, ligando o motor, arrancou de novo pelo atalho em ladeira, ansioso por ganhar a estrada de rodagem em magnifica recta, toda ourelada de avelozes.

No dia seguinte, ao escurecer, quem passou por ali foi uma limousina, com dois possantes phoróes, numa marcha moderada, indo tambem estacar defronte da casa do sitio.

Seriam os novos visinhos. Por escuro quasi, ninguem, nas redondezas, pôde vislumbrar como e quantos fossem. Apenas um meninote, filho do Joaquim Felippe, correndo atraz do automovel, approximando-se mais, garantiu ter visto uma moça...

Desde então a curiosidade não se desviou daquella vivenda de ampla fachada, com seis janellas de frente pintadas de roxo. Tanto mais quanto tudo parecia mysterio dentro della.

Oito dias já decorridos da chegada dos donos e nenhum contacto se fizera com qualquer dos moradores visinhos. Tudo se passava entre os proprios moradores; — cosinha, lavagem de roupas, arrumações. Nenhuma empregada de fóra contractaram. E, propriamente, de sêres humanos só viam direito um senhor idoso que, uma vez ou outra, sahia de automovel, e um homem corpulento que cuidava do sitio e do jardim, com cara de poucos amigos.

Houve quem se atrevesse a fazer-lhe umas perguntas innocentes. Porém, nada loquaz, elle se limitou a respostas que não satisfaziam á curiosidade ambiente. Era uma familia de Recife que adquirira o sitio e viera residir nelle. Nada mais.

Certa tarde, numa olaria onde o "feitor", como o povo lhe chamava, fôra comprar umas telhas para endireita gotteiras, um dos oleiros, com as mãos vermelhas de barro, indagou bruscamente:

— Oh!... camarada! Lá naquella casa quem vive é alma do outro mundo?

— Não sei, não... Si vosmecê tiver coragem vá ver...

Naquelle meio surpresticioso, o que ia faltando mais era justamente a coragem... Mulheres cortavam caminho evitando as vizinhanças do antigo sitio de Yoyo Coelho. Creanças grelavam os olhos só de ouvirem falar nos mysterios que havia ali dentro. Homens mesmo, taludos e de bigodes, sabe Deus com que cautelas atravessavam atalhos proximos, sobretudo no escuro. Porque, á noite, além das condições propicias das trevas para as manifestações sobrenaturaes, sahiam da vivenda uns sons de piano como nunca matuto algum ouvira na sua vida. Umas musicas meio abafadas, doces, suaves, tristes como si fossem queixas das almas penadas... Nada do que aquella gente rustica estava acostumada a ouvir dos pianos que haviam conhecido: nem um samba, nem um "fox-trot", nem uma marcha do carnaval... Aquillo eram sons do outro mundo mesmo, eram...

Que mãos estariam tocando?... As do senhor idoso?... As da tal moça que o filho de Joaquim Felippe vira entrar, no dia da mudança, e que, depois, ninguem tornara a ver mais, nem por sombra!... Quem seria essa moça?... Casada com o velho?... Solteira ... Viuva?...

Por vezes ouvia-se o piano em pleno dia, á hora em que o sol fustigava com raios ardentissimos o verde dos campos. Os trabalhadores suspendiam as enxadas e se punham escorados a escutar... As mulheres paravam de bater roupas, no corrego, e benziam-se... E as phrases musicaes, cheias de brandura, de melancholia, lá se iam por aquellas plantações afóra como queixumes...

Aos poucos, na excitada imaginação do povo, formou-se uma esplicação para o mysterio do sitio de Yoyo Coelho: — o velho casara-se á força com a moça, que seria de grande belleza, e, ciumento, viera trancal-a naquelle ermo. Não era outra cousa, não!

O medo das almas foi esmorecendo da parte de alguns, emquanto se lhes accendia mais o desejo de ver a pobre rapariga aprisionada — a linda rapariga que o capricho de um pae, talvez, chumbara para sempre áquelle homem idoso muito esguio, muito bem vestido, de olhar intraduzivel, que, uma vez ou outra, partia do sitio, no seu bonito automovel, regressando á noitinha. Ia á capital, souberam; elle proprio guiava o carro. E nunca levara a esposa! Coitadinha! Tirada do Recife, tão cheio

COELHO

de attractivos e de festas, para se enterrar viva naquelle deserto! Havia de chorar muito... O piano era-lhe o unico allivio...

Essa historia chegou á cidade proxima. Na feira começava-se a falar na "moça" do sitio de Yoyo Coelho... Cada um bordava a cousa a seu sabor... Alguns, querendo passar por melhor informados, avançavam haver entrevisto essa moça, chegando de repente a uma varanda do oitão ou passando por um terraço dos fundos... Não lhe descobriram o rosto, porém o vulto, sim... Automoveis deram para galgar o atalho que ia ter ao sitio, rodeando-o, antes de tomarem de novo a estrada de rodagem. Curiosos atiçavam olhares para dentro, mas o scenario era quasi sempre o mesmo: janellas de frente cerradas, o feitor cuidando das flores ou das arvores frutiferas, a quietude costumada, e sómente abertas as outras janellas que davam para o lado do nascente, inaccessivel á bisbilhotice alheia. E aquelles olhos perfurantes como verrumas em madeira molle não conseguiam atravessar as grossas paredes da casa para se inteirar das cousas terriveis que se passavam lá dentro entre o marido algoz e a esposa torturada...

A impotencia em devassar o segredo espicaçou a maldade de certa gente. Meninos trepavam-se nas arvores que bordavam o atalho e dali sacudiam pedras quebrando vidraças e arrancando o rebôco da vivenda. Mulheres faziam tentativas varias para levantar qualquer ponta da meada: offereciam-se como cosinheiras, iam pedir roupa para engommar, imploravam a caridade, tentavam vender rendas e applicações... A todos, o senhor idoso ou o feitor attendia. Si era candidato a emprego, recusava, polidamente; si esmola, não dizia não; e si se tratava de rendas, um delles assegurava, com toda seriedade, que ali só viviam dois homens.

O feitor, agora, ouvia indirectas por todas as partes:

— Cadê tua patrôa?

— E' bonita, hein?

— Porque só toca aquellas musicas tristes?

— O damnado do velho aperreia a pobrezinha!

— Marido damnado!

— Tem medo que roubem a mulherzinha...

— Moça casada com velho é isso mesmo...

O homem mantinha o silencio e a calma, sem se importar com essas e outras mais offensivas pilherias. Dir-se-ia obedecer a uma ordem, pois era de admirar tanta paciencia num typo robusto e capaz de uma repulsa decidida. E só por sabel-o assim indifferente o ousio dos murmuradores crescia...

Foi nessa época, quando seis mezes haviam transcorrido desde que o sitio de Yoyo Coelho se occupara de novo, que Angelo Nascentes, filho de alto negociante da cidade, vindo ali, pelas ferias, soubera do caso que tanto impressionava a gente da sua terra. Numa festa em casa do major João Izidoro, num grupo de moças:

— Ouviu falar na moça do sitio de Yoyo Coelho?

— Não... — respondeu o rapaz, sem interesse.

E a historia, com todo o seu véo de mysterio, librou-se dos labios de Adelaide, prima de Antenor. Elle era um moço cheio de audacias, affeito a esportes arriscados e gostador de proesas desse genero. O bastante para declarar de prompto:

— Eu vou botar esse negocio em pratos limpos.

As mocinhas applaudiram. Algumas, todavia, duvidaram.

— Vocês hão de ver... Um dia desses...

Na sua baratinha côr de mel, Antenor, sem dar aviso a ninguem, tocou á noite para o sitio do finado Yoyo Coelho. Ganhou a estrada, e, ali, em grande velocidade, avançou, passando adeante uns dois kilometros do atalho que dava na casa mysteriosa, como quem ia para muito mais longe. De repente, porém, parou. Desceu do carro e veio voltando a pé, com cuidados para não ser visto, até perto do sitio mal afamado.

Felizmente não cruzara com um só christão. Tambem, eram 10 horas num logar em que se dorme cêdo. Os mocambos todos apagados. Um ou outro cachorro ladrando. E o céo todo estrellado por cima.

Na vivenda, porém, havia luz em duas janellas de frente. E os sons do piano... Aquella musica não lhe era extranha. Uma irmã, com educação musical, tocava-a... Mas, com uma expressão tão differente... tão longe de se parecer com a daquelles dedos!... A sonata "Raio de lua" de Beethoven... Lembrava-se agora do nome... Sim, toda a suavidade do trecho beethoveano... Parou já perto da cerca...

Em torno o arrulho das arvores sopradas pela viração friorenta dos brejos; um cheiro de cravos que pontuavam de branco os canteiros rentes ao oitão. Batia-lhe com força o coração. Não seria de medo porque era corajoso. Aquella musica, naquelle logar, áquella hora... Sensação exquisita de solitude, de piedade, de angustia...

Foi se approximando. Galgou a cerca; escondeu-se numas bananeiras para sondar... Ninguem! O feitor estaria dormindo... Não havia cães... Viu-se aos poucos junto da fachada... As janellas não ficavam muito baixas... Tornava-se necessario erguer um tanto o corpo para espiar o interior... Flexionou os braços... suspendeu-se alcançou a moldura illuminada...

Lá dentro o velho lia um livro, afundado numa poltrona de couro. Perto a moça, de costas, tocava piano. Não se lhe via o rosto, porém advinhava-se pela elegancia do busto que era joven mesmo. Tinha os cabellos pelos hombros como quem desejava deixal-os crescer outra vez. Os braços nus moviam-se no rythmo das mãos que deslisavam pelo teclado.

"Raio de Lua"... A sonata ia terminando... Como si um raio de luar se fosse estirando pela sala...

Quando a ultima phrase acabou de resoar, a cabeça da moça descahiu para a estante do piano... Choraria?...

A alma de Angelo teve um estremeção... Recordou-se das historias que corriam e sentiu impetos de intervir... como um antigo cavalleiro andante. Mas, o velho levantara-se da poltrona, fôra ao encontro da moça. Beijou-a nos cabellos... Disse-lhe palavras que o rapaz não podia ouvir, porém se lhe afiguravam carinhosas... E, no meio dellas, a voz da moça se álteou a ponto de ser entendida por Angelo:

— Ah! meu pobre pae!... Que sacrificio por mim!

Dizendo isso, erguera-se do piano, apparecera de frente para a janella, batida de luz pela lampada.

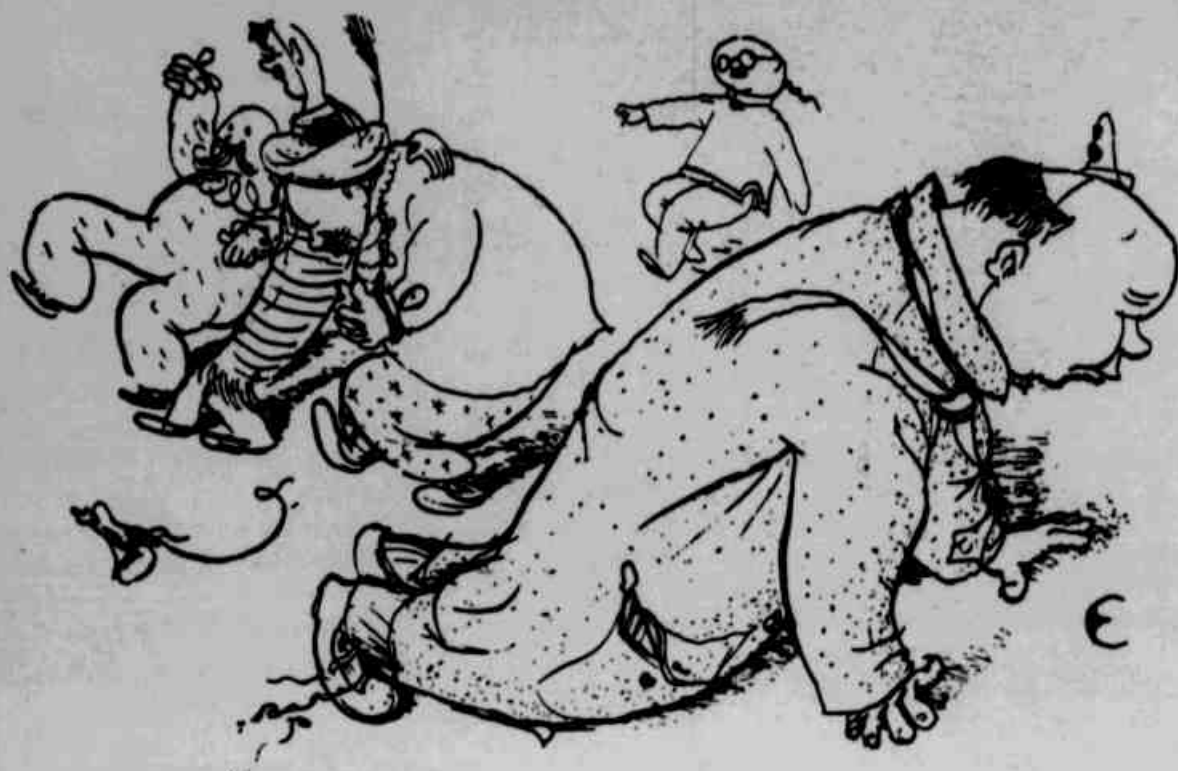
Angelo Nascentes recuou.. Instantaneamente... Recuou e fugiu...

Não com receio de ser visto, horrorisado do que vira.

O rosto da moça deformado, tumefacto, disforme, contrastando com a airosidade e a juventude do corpo — uma terrivel mascara de leprosa.

Naquella noite do concerto de um pianista russo, no "Santa Isabel", ao acabar de ouvir a sonata "Raio de lua", Angelo Nascentes

(*Termina no fim do numero*)

Apresentado por JEAN ARTHUR vestido de interior.

Quarta-feira de Cinzas
Desenho de Eugen Croissant

MYSTERIO

A noite toda cheia de estrellas convidava ao amor. Fazia um luar purissimo. Em seu bôjo a lua dominava o ambiente. Era o mundo um encanto verdadeiro.

Luiz passara o dia todo agitado. Desfizera-se de seu annel de gráu. Sem dinheiro, resolvera pr - ticar este gesto extremo. Fôra o annel de medico de seu pae. Era agora o seu. Distava um espaço de trinta annos. Uma existencia!

Luiz entrou em um «cabaret». Fazia-lhe mal, o ruido. Acotovelavam-se pares dansando um «fox-trot», electrizado. Mulheres em tôrno ás mesas seguravam longas piteiras dando a nota álacre da esfusiante orgia.

Corpos de bailarinas, em bamboleios, em requebros tremendos, excitavam mais e mais o festim.

Infrene, desvairada e louca, bebia uma loura mulher uma taça de «champagne». Seus gestos desordenados demonstravam demais a grande intoxicação alcoolica. Por vezes, desandava em uma gargalhada hysterica.

Os balões multicores a cada passo estouravam. Novos surgiam. Os desengonçados musicos vociferavam estridentes como doidos. O «Kaleidoscopio» do salão dava a momentos a impressão de cadaveres rodopiando sem cessar.

Vinha do jardim uma aragem perfumada de variegadas flores.

Os homens descontrolados jogavam. Outros bebiam perdidamente. A voz roufenha do «croupier» era ouvida. Aquellas salas eram satallites do salão. Era um «cabaret» magnifico.

Luiz tirara uma desinteressante mulher para dansar. Tocavam um tango languido e arrastado. Dansavam os dois mechanicamente.

Subito Luiz viu um vulto conhecido. Era Beatriz. Seria possivel?

Luiz gastara todo o dinheiro que herdara do seu velho pae para esquecel-a. Tivera varias amantes.

Por fim, a mais constante—J— que durara tres mezes, ao saber de sua ruina buscara outro.

Depois de varios annos de devassidão cercado de mulheres, Luiz via-se agora só, sem haveres, sem ninguem. Via mais: a Beatriz que tentara esquecer. Tarde demais para recomeçar.

Luiz fixou-a bem. Olhou-a bem no fundo. Viu aquelles olhos de magia e deslumbramento. Desvendou-lhe a alma. Teve uma grande e dolorosa pena. Por que Beatriz não o amara?

A pergunta pairava no ar. Luiz t nha a cabeça em fogo. O coração saltava no peito. Nada o respondia

Beatriz se casara com um individuo torpe. Dahi todo o infortunio. De desgraça em desgraça era agora aos olhos de Luiz o que era de toda a gente.

Beatriz estava estonteante. Luiz comprimentou-a. Apertou-lhe a mão. Dansaram muito. Depois, convidou-a para um passeio. Sahiram bem agar.ados. O porteiro do «Club» chamou o taxi. Entraram. O automovel rodou celere pelas longas avenidas.

De quando em quando um beijo fremia no espaço com mais intensidade. Eram abraços brutaes.

Um desejo incontido de felicidade assaltava a ambos. Uma alegria exquisita e importuna os punha em uma vibração constante.

Os momentos se escoavam rapidos.

O «chauffeur» imprimia ao carro a marcha que convinha a taes encontros.

Elles não tornavam á realidade. Um destino inexplicavel brincava com aquellas duas creaturas. Um destino que fazia soffrer. Um destino singular.

Copacabana com as suas luzes e as suas areias alvas parece o logar proprio para o sonho.

O mar, ao longe, em sua colera perenne, bramia e rugia, atirando á praia turbilhões de espumas.

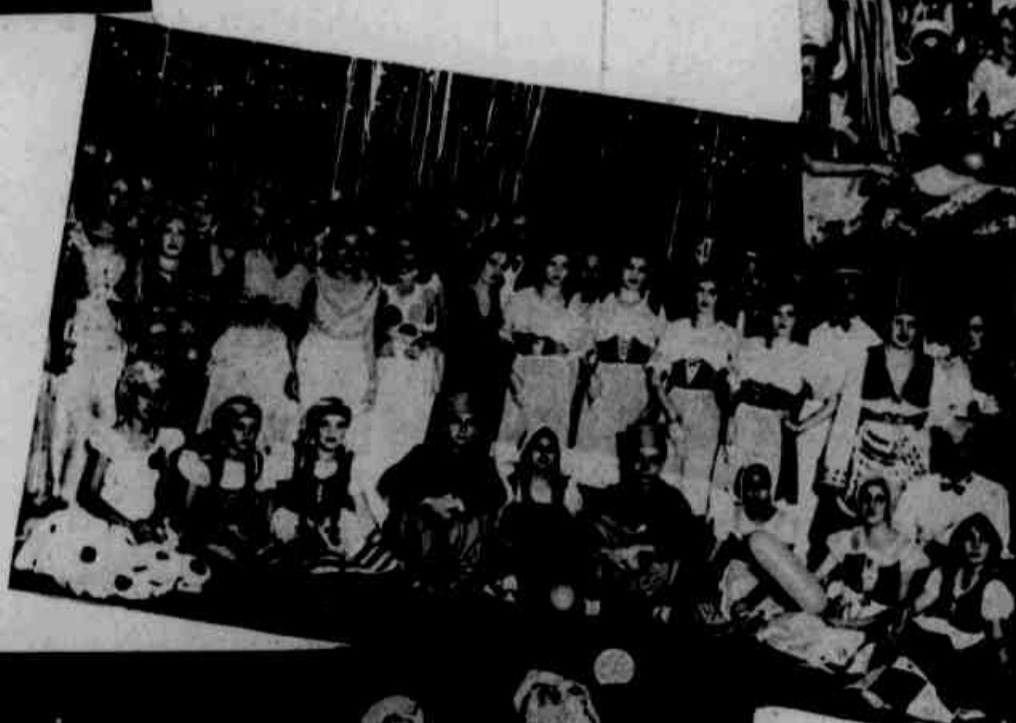
MASSON DA FONSECA FILHO

Bailes em Copacabana

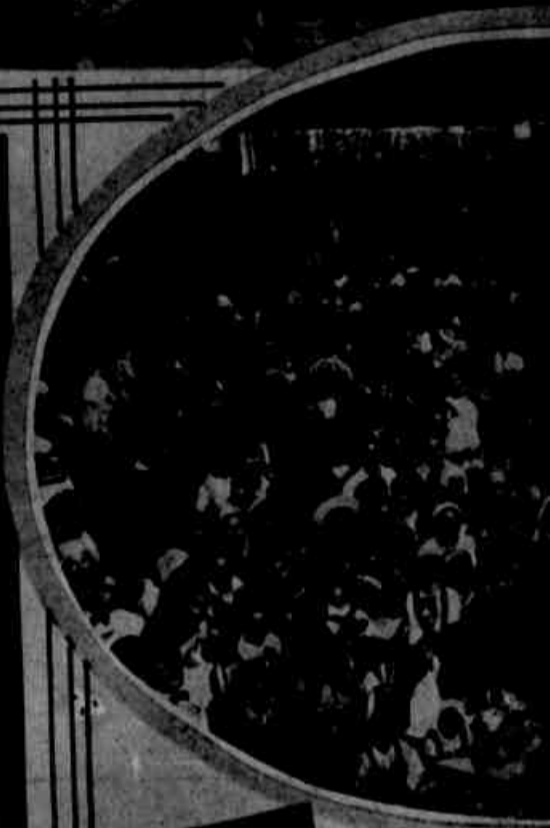
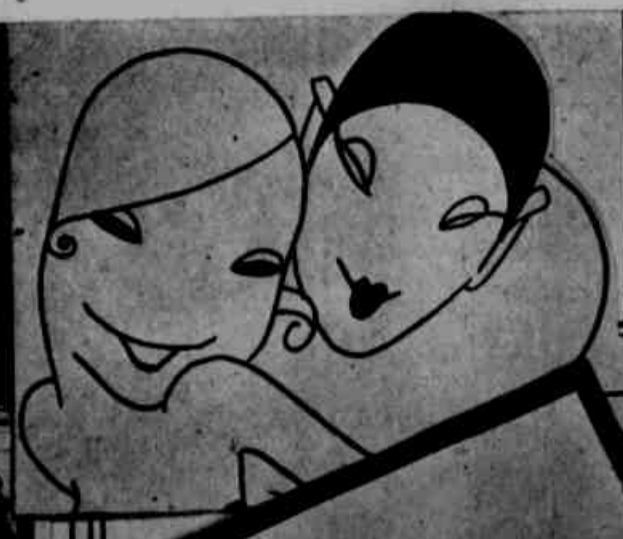
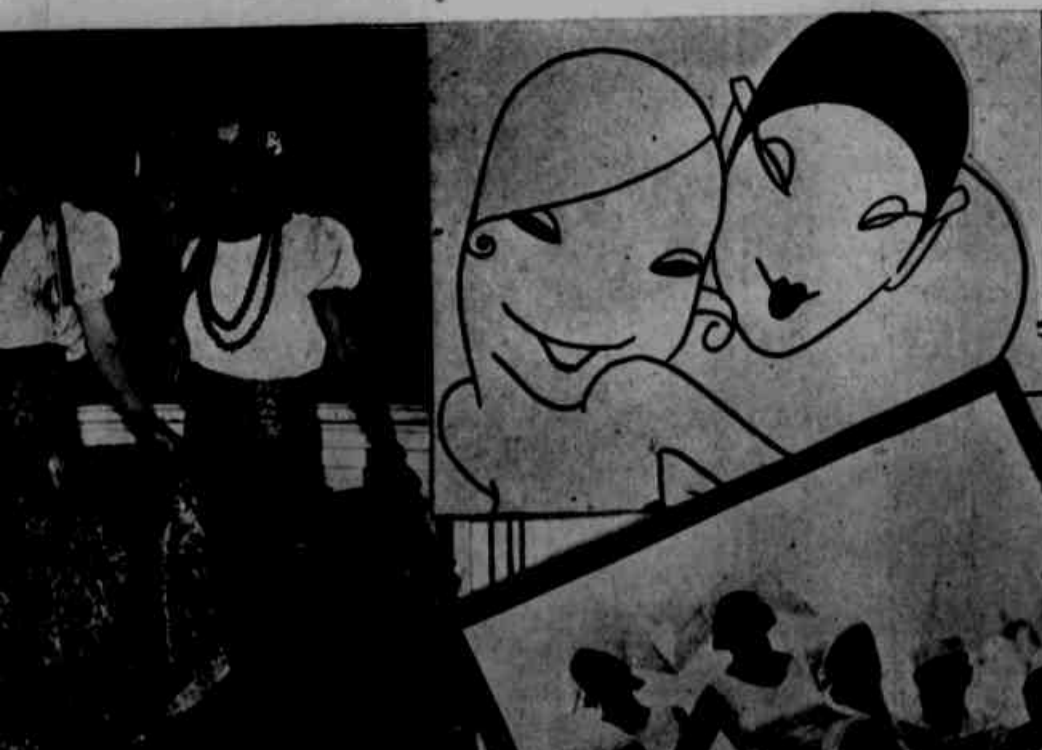
No Atlantico e no Praia Club

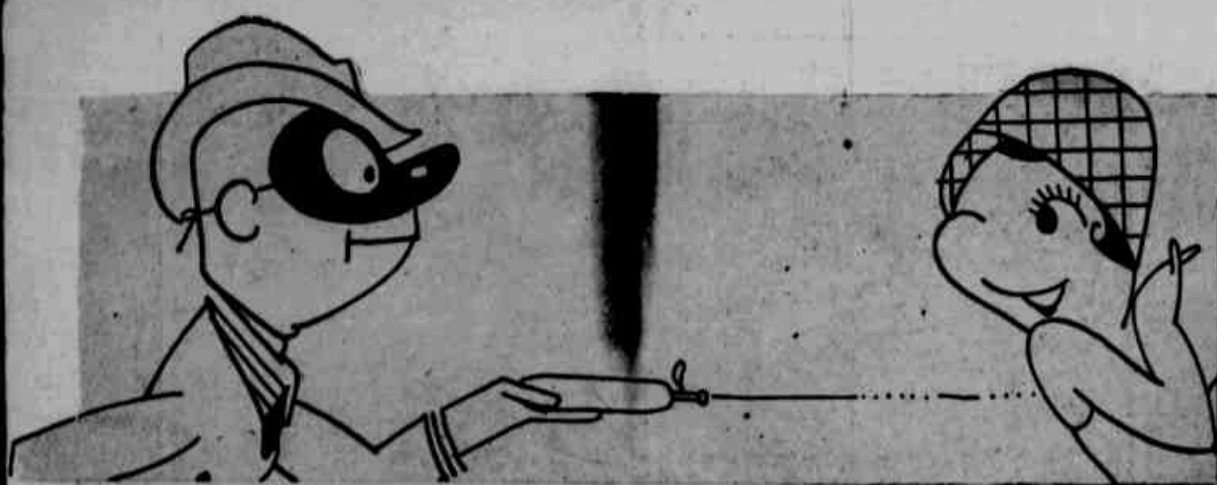
Bailes nos Clubs esportivos

Botafogo Football Club

Club de Regatas do Flamengo

Club de Regatas Guanabara

Carnaval

Em cima: no Centro Israelita. Em baixo: no Club da Bola Preta, nos Fenianos, nos Tenentes do Diabo, nos Democraticos.

CARNAVAL

Photographias apanhadas no baile no Fluminense, na tarde infantil do Botafogo, durante o corso de Domingo, Segunda e Terça.

CARNAVAL

Bailes no Club Militar; dos Artistas, no Club Gymnastico Portuguez, no Gremio 11 de Junho, no Orfeão Portuguez e na Banda Luzitana

Em Nictheroy

No Club Central

No Club de Regatas Icarahy

No Automovel Club

No Club da Praia das Flechas

No
America
Football
Club
Photographias
apanhadas
no
salão
da
Rua Campos Salles
E
no
Hotel
Gloria
Baile do Tijuca Tennis Club

A "côr local" em Casablanca

Marrocos é o grande orgulho colonial francez. Num quarto de seculo, construiram-se naquelle paiz cidades e portos, abriram-se caminhos admiraveis.

Dentro desse quadro physico, desse "Marrocos util" que a França commanda, a cidade de Casablanca é a joia de maior preço.

Il faut voir Casa — é a expressão contemporanea com que em Paris se synthétiza a grandeza da obra colonial que o genio gaulez está realizando. Ora, eu visitei, percorri e me detive nessa cidade marroquina e o meu depoimento confirma a sua fama. Nova de vinte annos, a sua força de crescimento é comparavel á de São Paulo e de Chicago. Eu voltava de Paris, a caminho da America do Sul, nos aviões da Aero-postal e decidira por curiosidade jornalistica permanecer uns dias nesse pedaço da Africa. Foi na manhã quente de um domingo, eu que até então me guiara por cicerones amaveis, que resolvi sahir sem destino certo, á procura de alguma surpresa indigena, um aspecto, um costume, qualquer coisa de humano, de vivo, mas local. Entrei num mercado e, cançado de escutar aquelle barulho pulado da fala arabe, continuei a caminhada para logo depois tomar um carro.

E' que eu me lembrara de ver os bairros pobres, a cidade indigena, o lixo humano de Casablanca. O magro cavallo que puxava a viatura trotava num passo mussulmano, fatalista.

A transição entre a cidade nova e a cidade velha é brusca e absoluta. As ruas se estreitam e no movimento dos que são mais animados, as coisas começam a misturar-se de maneira incrivel: homens, objectos, animaes, moradias, vendedores ambulantes, em fim essa promiscuidade peculiar ás cidades africanas e orientaes como se tudo parasse deante dos nossos olhos á maneira de uma mancha agitada, luminosa e colorida. A consequencia do primeiro contacto com este meio é precisamente a difficuldade de destinguir, de individualizar. A impressão é a de um espectaculo de que só percebemos a côr, a vida, o movimento, o pittoresco.

Do alto daquelle *tilbury* ordinario, eu ia contemplando os aspectos da paizagem que a gente humana e animal me offerecia, sem coragem para deter-me, para examinar nem mesmo a mesquita, á cuja porta o cocheiro parou. De facto, eu teria curiosidade de ver esse templo internamente. Embora tourista apressado, não adopto a formula do outro que só olhava as igrejas por fora, as montanhas de baixo e os cabarets por dentro.

Confesso, porém, que sem a companhia de um camarada de minha terra, nunca mais quero voltar á Africa. Tenho pontos de vista

BOX — Desenho de William Nicholson

vergonhosamente estreitos nas minhas relações com a humanidade. Só considero, por exemplo, meu semelhante o homem que se veste á minha moda. Partindo desse principio, principalmente os dias em que me detive, na ida para Paris, em Dakar, em São Luiz, no proprio sertão do Seunegal, soffri sempre o vexame de uma desconfiança vigilante contra tudo e contra todos. Nunca dormi sem considerar que podia amanhecer morto ou roubado.

Era um temor gratuito, infantil, mas sincero.

Que querem? Devo ao cinema americano essa convicção de que o mundo em que existe segurança pessoal, em que podemos confiar nos instinctos, nos costumes e nos sentimentos dos outros, é muito pequeno. Os Balkans, por por exemplo. Sei que ficou na Europa. Mas onde eu teria lá o socego, que decorre da nossa confiança na policia e na disposição dos naturaes para com gente de fóra? Sou, afinal, e por estas razões pueris, porém sinceras, indifferente a tres continentes da terra: Africa, Asia, Oceania e ilhas adjacentes

Pensava essas coisas consideraveis, quando o cacheiro me perguntou:

— Quer visitar o *quartier reservé?*

— Que é isso?

— Elles sont là, les petites poules.

—Não interessa. E de facto: se eu vinha dos grandes gallinheiros...

Entretanto, o hespanhol insistia tanto que cahi.

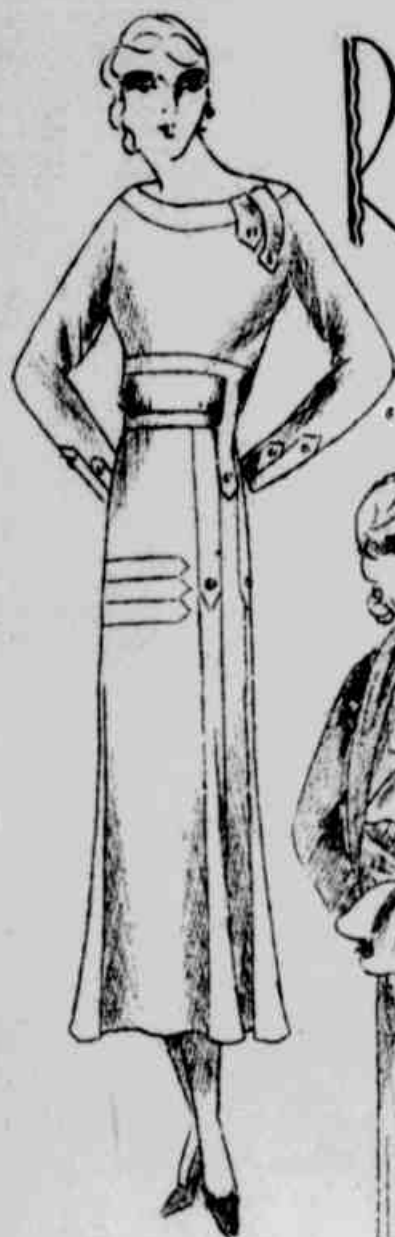
Pouco depois, estavamos deante de vasta porta que dava accesso a um enorme recinto murado. Era o *quartier reservé.*

Da entrada, eu via a nota vermelha dos uniformes dos zuavos repercutindo lá dentro, na claridade da manhã.

Ah! Este é o mercado do prazer facil, o porto onde esta soldadesca braba vem colher as velas de sua fortuna sexual. Entrámos.

Pelas ruas estreitas e quietas do quarteirão de um e outro lado, judeus distrahidos tratavam da arrumação matinal dos seus botequins. De repente, surde em algazarra uma dezena de mulheres, que nos cercam, falam, gesticulam e até investem. Todas novas, havia algumas semi-nuas, outras com parte do corpo apenas coberto por um véo fino e sujo. A conselho do hespanhol, faço integralmente meu papel de tourista: destribuo pequenas moedas e ellas vão se retirando. Uma, porém, resiste, não quer ir embora e olha com desprezo para a moeda que lhe tocou. E' morena, tem a pelle oleosa, os olhos negros e está propondo um negocio: cinco francos para mostrar uma cousa. Pago. Ella descobre o pequenino seio que um golpe longo cortou, deixando um sulco profundo. Deixo-lhe mais cinco francos. Ella então se dispõe a retirar, mas de longe ainda agradece á moeda do quarteirão naturalmente.

— Je t'aime à là folie.

Hermes Lima

RECEBI, assignada — "Maria Luiza", *tout court*, e sem endereço de morada, uma carta em que se me faz amavel intimação.

Sou, pois, obrigada a suppor que aqui, nesta secção, é que a interessante missivista desconhecida quer a resposta.

Seja feita a sua vontade.

Maria Luiza é um nomezinho sympathico. Com elle, porém, antes da segunda mulher de Napoleão houve muitas, e depois della muitas outras.

A que me escreve será uma destas: é quanto basta. Não direi que "não quero saber mais della", porque seria mentira; mas tão sómente que não o posso.

Não; não é bem isso: ainda posso saber que ella deseja que eu volte olhos para as mulheres que andam sem meias.

Já voltei, já voltei, gentil criaturinha. Dessa olhadela não escaparam.

O seu primeiro desejo está, pois, antecipadamente satisfeito.

Resta o segundo — que eu diga alguma cousa do magno caso.

Foi tão bom que o não tivesse dito até agora, porque, assim, tive a apportunidade feliz que acaba de vir a meu encontro.

Vejo bem o que Maria Luiza quer. E' que eu diga se é bonita a exhibição de pernas sem meias em passeio.

Pois ahi vae a minha acatada opinião.

E' e não é.

Não se espante a graciosa missivista.

Sei, tambem eu não ignoro que perante a logica ser e não ser é absurdo. Mas a logica nada tem de ver comnosco, plural este que não se restringe a nós duas, mas se estende a todo o sexo, pelo menos quanto a cousas de modas.

Dizem os más-linguas que o dissidio não para ahi; mas isso é apenas maledicencia.

A verdade é que contra as exigencias daquella velha ranzinza, não estou só, ou só com a gente de saias. De um homem, pelo menos, sei que se não apavorou com o tal absurdo. Foi o grande Moliére, e esse vale por muitos. O caso está na resposta de Sgnarello, quando lhe perguntaram se este era o seu nome: "Sim e não, conforme o que de mim se quizer".

Assim, a falta de meias.

E' bonita, porque se está fazendo moda; e não é, porque para a mulher não ha bonito nem feio, mas apenas moderno ou não.

Pois já se não viu a mulher arrancar as sobrancelhas? Já se não viu tambem achar, hontem, lindos os vestidos curtos, e, hoje, achar bellos os compridos?

Póde Maria Luiza ficar certa de que, se a moda pegar, será tão bonito andar sem meias, como até agora o foi andar com ellas, e como talvez o seja, mais tarde, andar com uma perna calçada e outra não.

Uma cousa, porém, posso dizer com segurança: é que a moda que se quer introduzir agora é economica.

Mas essa circumstancia só poderá prejudicar-lhe a adopção. Qual será a mulher com a coragem de se apresentar desta ou daquella maneira por declarado proposito de economia? Lá se iria por agua abaixo toda a elegancia.

Não se cogite, portanto, da feição economica. Melhor fôra, então, que aqui não tivesse apparecido. Mas já está. O que se tem de fazer, pois, é não lhe dar attenção.

Devo ainda não esconder uma observação, convencida, porém, de que ás mulheres será difficil esconder o que a motiva.

mouflage" são de grande proveito, e se tira, em resumo, o conceito que Maria Luiza quer conhecer — ande sem meias quem puder, e quem tiver o que esconder diga que acha feia a moda.

Sou capaz de jurar que Maria Luiza é das que podem andar sem meias.

+ + +

— Yvonne Figueiredo — São Paulo. E' verdade que a carioca voltou, este verão, a usar vestidos de linho, de "voile" de algodão, de cambraia, de "mol-mól" de nanzouk. E taes tecidos estão pelas vitrinas da cidade, expostos, e ha côres lindas. Em rosa, que é, como o branco, a tonalidade preferida, agora, encontram-se differentes matizes. Não ha mais receio de fazer um vestido de colorido suave, pela popularidade que rapidamente vão conquistando as fazendas de marca "Indanthren", o colorante mais perfeito dos ultimos tempos.

+ + +

Modelos de chapéos: "relevé" de cellophane misturado a lã angorá, guarnecido do mesmo material; boina de "laize" de palha preta e vermelha; minusculo chapéo de palha-bambú preta e "turbant" de setim verde agua.

+ + +

Um dos mais confortaveis salões de cabelleireiro: A. Dorét, rua Alcindo Guanabara.

Perfumes nacionaes: tambem de A. Dorét.

+ + +

Outros figurinos desta pagina: vestido de crepe preto, golla e guarnição das mangas de musselina rosa com bordados azues; vestido de crepe da China "beige" rosado, golla e punhos bordados e festonados de preto, saia de avental plissado á frente, e botões de vidro preto; vestido de crepe azul trabalhado em recortes, e golla-écharpe forrada de crepe azul de pervinca; vestido de "georgette" verde garrafa e renda d'Alençon; vestido de "georgette" preto, corpete, mangas e pala da saia em nervuras diagonaes; vestido de "shantung" rosa secco e applicações do mesmo panno; pyjama "Shéhérazade" — creação Mirande —, para jantar, calças em forma e tão largas que parecem saias, blusa guarnecida de laços do setim mole, preto, de que são feitas tambem as duas peças já descriptas, "paletot" de seda "abricot" forrado de "lamé" prata; vestido de "shantung" quadriculado.

+ + +

Bordado: flores bordadas com o ponto de "cordonnet" e realçadas pela disposição de triangulos em bainha aberta.

Bolsas para a noite: de seda lavrada a côres e fecho de diamantes; renda de seda branca sobre setim fulgurante prateado; setim preto e fecho de diamantes, esmeraldas e rubis; velludo turqueza e fecho de pedras azuladas.

SORCIÈRE

Supponha-se que Fulaninha, em pequena, foi mordida, abaixo do joelho, por um mosquito. Coçou; veio uma chaga. Tornou a coçar; fez-se uma cicatriz. Será, então, de pessimo effeito exhibil-a.

E' um ponto fraco. E nas batalhas da vida, como nas da guerra, é imperdoavel deixar ver ao adversario os pontos desguarnecidos.

Tanto numas, como noutras a luta pela posse da offensiva é do maximo interesse. Eu não jogo xadrez, que é um combate em taboleiro, mas sei que nesse jogo a sahida, o ataque, a offensiva é de tanto valor, que até é offerecida, como partido, como vantagem, ao jogador mais fraco.

Defeito pilhado, offensiva perdida. Conhecido esse ponto vulneravel da trincheira, logo para elle convergirá o fogo adversario, e, desmantelada ahi a linha, todo o resto corre grande perigo.

Dahi se conclue que ás mulheres, as baterias de "ca-

Carmen Miranda
a voz mais gostosa do Brasil

(Desenho de Alvarus)

Namorados...

Esse casalzinho de namorados que passeia todas as noites na quietude sentimental da minha pobre e escura ruazinha de suburbio triste, esse casalzinho de namorados tem a simplicidade das coisas santas.

Passam. A's vezes ha luar. Eu imagino então o que elles estarão dizendo um ao outro: que o luar é bonito, que o luar é a tristeza que se desfez em luz... Mais tarde... casados já... Uma casinha bem branca perdida na collina... Isolados... Sosinhos os dois... E um luar assim, igualzinho a esse... "Um sol de prata, prateando a solidão"... E elles...

***

Passam. Elles têm, os dois, a simplicidade das coisas santas. Elle fala. Ella comprehende. Sente. Adivinha...

Passam...

E eu penso. Não. Não é inveja. Mas, afinal... Se ella quizesse... Se elle morresse... Não. Não lhe quero mal, que elle merece, deve merecer...

***

Esse casalzinho de namorados...

Agora já não penso. Sonho...

Eu... um dia... talvez. Talvez um dia... Talvez um dia eu tambem passe por uma ruazinha qualquer... ao lado de alguem, de alguma doce, inegualavel companheira. Companheirinha...

Uma historia de amor. Nós, A inveja dos outros...

Então...

Então ha de haver — eu sei — um poeta qualquer que dirá, vendo-nos passar felizes, esquecidos de tudo:

— "Esse casalzinho de namorados que passeia todas as noites na quietude sentimental da minha pobre e escura ruazinha de suburbio triste, esse casalzinho de namorados tem a simplicidade das coisas santas"...

***

E eu então..

E eu então serei tão feliz que não escreverei uma linha siquer...

OCTAVIO PRESTES JUNIOR.

— Bom dia, Principe de Galles!

Piccadilly Circus, um dos logares mais movimentados de Londres

Hospedes bem vindos

O herdeiro do throno britannico a bordo

Principe George

OS PRINCIPES MAIS BONITOS' DA'EUROPA ESTARÃO AQUI NA OUTRA SEMANA

Um recanto do Hyde Park em Londres com os seus carneiros

Paulina Singerman

Theatro

NADA mais perigoso do que os extremos — teria dito já Pae Adão, franzindo a testa no primeiro esforço de pensar. E realmente os extremos são perigosos. Desde o dar-murro-em-faca-de-ponta, até o ficar-entre-a-espada-e-a-parede, ha toda uma complicadissima escala de arames farpados... **Honny soit** quem ahi se arranha...

O Bom Senso e a Prudencia nunca attingem as extremidades, porque sempre foram figuras centraes: E' por isto que, em materia de patriotismo, o Bom Senso, que não vae além do nacionalismo moderado e logico, foge ás leguas dos Jacobinos.

E como o Theatro daqui está cheio de Jacobinos, o Bom Senso não vae ao theatro, nem com entradas de favor. O Bom Senso é de circo...

E tem razões para isto Basta se ver os saltos-mortaes com que o Jacobinismo nos está divertindo em dois theatros: — no Municipal e no Recreio. E ainda ahi os extremos se tocam. E do choque resultará certamente curto-circuito artistico. Vejam :

— No Municipal cogita-se de substituir, na direcção da Escola de Bailados, a sra. Maria Oleneva, por uma dansarina... que seja brasileira. E' o proteccionismo das alfandegas applicado á arte. Mas, esse mesmo proteccionismo das Tarifas alfandegarias só se exerce a favor dos "productos similares, fabricados no Brasil."

A sra. Maria Oleneva não é celebridade feita por decreto. Ella trabalhou, durante alguns annos, entre as 1.as bailarinas da divina Pavlova. Pergunta-se, agora: — onde está o nosso **producto-similar** da sra. Oleneva? Nem o "garoto" responde...

Dadas as devidas proporções, facto semelhante se deu no Recreio.

Lou et Janet, interessantes ensaiadores das **girls** daquelle theatrinho, foram despedidos e "substituidos" pelo antigo actor João de Deus. Desta vez o proteccionismo á industria nacional foi de anzol: o sr. João de Deus é apenas **quasi-brasileiro,** porque nasceu em Portugal. Mas, o que se deu no Recreio teria sido mesmo uma substituição?

— Onde está o substituto de Lou et Janot?

— O gato comeu... — Talvez responda, agora o garoto.

Na França, onde os governos tanto amparam e defendem a nacionalisação do Theatro, as especialisações são, entretanto, respeitadas. Os chefes dos grandes bailados classicos de Opera são geralmente russos. São elles os mestres por excellencia, os maiores especialistas mundiaes.

Em Londres e New York, as escolas de Tiller e de Albertina Reich fornecem grupos de bailarinas internacionaes, ali preparadas, para todas as grandes companhias das principaes capitaes do mundo. E' a especialisação aproveitada.

Ha nisso discernimento e argucia, embora não exista jacobinismo. Esses grupos de importação melhoram os elementos indigenas e preparam lenta, mas seguramente, sua emancipação artistica.

Isto é nacionalismo. Aprender. Melhorar. Progredir. O mais é ter **antipathia pessoal** pelo A. B. C. e **trocar-de mal** com a Intelligencia...

PRATAGY

O theatro argentino conta com uma nova actriz. Chama-se Paulina Singerman e a sua personalidade destacou-se tão vigorosamente que ninguem ao falar della diz: "E' a irmã de Berta Singerman", pois soube prestigiar-se por tal fórma que rapidamente se collocou entre os primeiros vultos da scena argentina. Modesta, natural nos seus movimentos, possue uma voz harmoniosa e, com uma perfeita noção do seu trabalho, mantem a uniformidade do papel que representa, atravez de uma obra, assimilando com extraordinaria intuição o caracter da personagem. Nunca, na sua ainda breve actuação, a vimos descompor a sua figura em qualquer situação, nem procurar, servindo-se de poses e desplantes, tão communs na maioria das actrizes, o applauso facil da platéa, o favor do publico. Dois factores coadjuvam ao seu triumpho no palco: E' bonita e é elegante. "Bonita", não no sentido vulgar dessa palavra, que nem ella admittiria esse qualificativo nem nós nos permittiriamos tal affirmação, que nos acarretaria a animadversão, quando não o odio, das que se julgam "bonitas". Paulina Singerman é o que os francezes chamam "une femme charmante", e isso basta-lhe para conquistar o publico. "Une femme charmante" é, no theatro, muito superior a uma mulher bonita; a frieza de expressão e de temperamento que, em geral, caracterizam ás mulheres simplesmente bonitas, nas do typo de Paulina Singerman, torna-se suggestão, encantamento pessoal, "charme" que provoca immediatamente uma forte corrente de sympathia.

A elegancia, segundo factor determinante do exito desta nova actriz, na qual vislumbramos um grande futuro, não é a elegancia inspirada nos figurinos ou em combinações mais ou menos felizes de enfeites, não: a sua elegancia é sobria, distincta, **chic**; é a elegancia que nem se compra com o "Vogue", nem se adquire nos grandes modistas de Paris. Uma actriz, ao apparecer no palco com um vestido feito na sua propria casa, pode apresentar-se muito mais elegante do que com um "modelo", se este modelo está fora do ambiente, ou se ella não o sabe levar.

A elegancia em scena não se baseia na riqueza das roupas; consiste em saber sentar-se, andar com naturalidade, mover-se sem affectação, e, muito principalmente, em não "bancar a elegante", pois quando uma actriz acredita ser elegante, cahe, fatalmente, no ridiculo.

E. MYLIO

Abadie Faria Rosa, presidente da Sociedade Brasileira dos Autores Theatraes.

Dansa

Maria Lisboa

Maryla Gremo

Em baixo, á direita:

Maria Olenewa

Maria Lisboa

Lissy Gladys

Todas vivem no Rio. A todas o Rio quer bem. - Não são - brasileiras. Mas é como se fossem...

O COMPRADO

MONTEIRO

PEOR fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinara tres donos, o que fazia dizer aos praguentos: Espiga é que aquillo é. O detentor ultimo, um David Moreira de Souza, arrematou-a em praça convicto de negocio da China, mas lá andava, tambem elle, escalavrado de hypothecas, coçando a cabeça num desanimo...

Os cafezaes em vara, anno sim anno não batidos de saraiva ou esturrados pela geada negra, nunca deram de si colheita de entupir tulha.

Os pastos ensapesados, enguanxumados, ensumambaiados nos topes, eram acampamentos de cupins com entremeio de macegas mortiças, formigantes de carrapato; boi entrado ali punha-se logo de costellas á mostra, encaroçado de bernes, triste e dolorido de metter dó.

As capoeiras substitutas das mattas nativas revelavam pela indiscripção, dos tabocas a mais safada das terras seccas. Em tal solo a rama bracejava a medo varetinhas nodosas; a canna cayenna assumia aspecto de canninha, e esta virava uns taquariços magrelas que passavam incolumes por entre os cylindros moedores.

Piolhavam os cavallos. Os porcos escapos á peste encruavam na magreza pharaonica das vaccas egypcias.

Por todos os cantos imperava soberano o ferrão das sauvas dia e noite entregues á tosa dos capins para que em Outubro se toldasse o céo de nuvens de içás em saracoteios amorosos com os senhores savitús.

Caminhos por fazer, cercas no chão, casas d'aggregados engotteiradas, combalidas de de cumieira, prenunciando feias taperas. Até na moradia senhorial insinuava-se a breca, aluindo pannos de reboco, carcomendo assoalhos; vidraças sem vidro, mobilia capengante, paredes lagarteadas... intacto que é que havia lá?

Dentro da esborcinada moldura o fazendeiro avelhuscado por força de successivas decepções, e, a mais, roido pelo cancro voraz do premio, — sem esperança e sem concerto, coçava cem vezes ao dia o redomoinho capillar da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre Dona Izaura, perdido o viço do outomno, agrumava na cara quanta sarda e pé de gallinha inventam a idade de mãos dadas com a trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, sahira-lhes um pulha, amigo de erguer-se ás dez, ensebar a pastinha até ás onze, e consumir o resto do dia em namoriscos mal azarados.

Afóra este malandro tinham a Zilda, então nos dezesete, menina galante, porém sentimental mais do que manda a razão, e pede o socego dos paes. Era um ler Escrich, a rapariga, um scismar amores d'Hespanha...

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita fosse lá pelo que fosse, e respirar a salvo das dividas. Era difficil, entretanto, em quadra de café a cinco mil reis por unhas num tolo das dimensões requeridas. Já levados por annuncios manhosos varios pretendentes abicaram ao Espigão; mas franziam todos o nariz, indo-se a arrenegar da pernada, sem abrir offerta:

— De graça é caro, diziam elles de si para comsigo.

O redomoinho do Moreira a cabo de coçadelas suggeriu-lhe uma traça mystificatoria: entreverar de cahetés, cambarás, unhas de vacca e outros padrões transplantados das visinhanças a fimbria das capoeiras, e uma ou outra entrada accessivel aos visitantes. Fel-o, o maluco, e mais: metteu um páu d'alho importado da terra roxa em certa grota. E ainda adubou os cafeeiros margeantes ao caminho, o sufficiente para encobrir a mazella dos demais. Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vicio da terra, ahi o alucinado velho botava a peneira...

Um dia recebeu carta do seu agente de negocios. "Você tempero o homem, aconselhava elle, e saiba manobrar os padrões que este cae. Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de recreio. Depende tudo de v. espigal-o com arte de barganhista ladino."

Preparou-se Moreira para a empresa. Advertiu em primeiro aos aggregados para que estivessem a postos, afiadissimos de lingua. Industriados pelo patrão estes homens sabiam responder com manha consummada ás perguntas dos visitantes, de geito a transmutar em maravilhas as ruindades locaes. Os pretendentes, como lhes é suspeita a informação do proprietario, costumam interrogar á socapa os encontradiços.

Ali se isso acontecia e acontecia sempre, porque era Moreira em pessoa o machinista do acaso, havia dialogos desta ordem:

— Gêa por aqui?

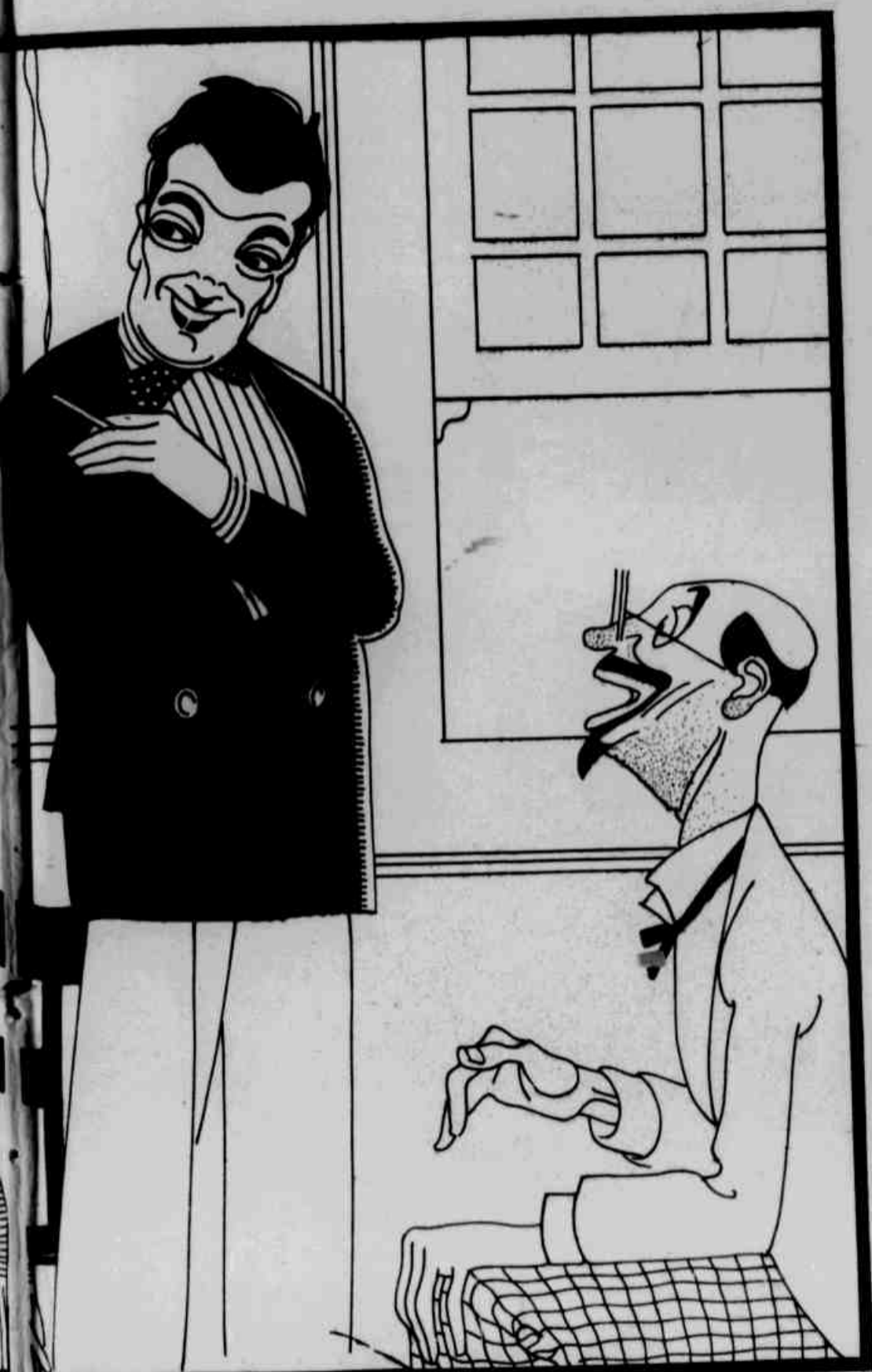
— Coisinha, e isso mesmo só em anno bravo.

— Feijão dá bem?

— Nossa! Inda este anno plantei cinco quartas e malhei cincoenta alqueires. E que feijão!

— E o gado? Berneia muito?

— Qual o que! Lá um ou outro carocinho, de vez em quando.

Para criar não ha melhor. Nem herva nem feijão bravo. O patrão é porque não tem forças. Tivesse elle os meios e isto virava um fazendão!

DE FAZENDAS

LOBATO

Avisados os espoletas, discutiram-se á noite os preparativos da hospedagem, alegres todos pelo reviçar das esperanças emmurchecidas.

— Estou com palpite que desta feita a "coisa" vae, disse o filho maroto; e declarou necessitar á sua parte de tres contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se com que? — perguntou admirado o pae:

— Com armazem de seccos e molhados na Volta Redonda.

— Na Volta Redonda! Já me estava espantando uma idéa boa nessa cabeça de vento. Para vender fiado á gente da Tudinha? O rapaz se não corou, calou-se; havia razões para isso

A mulher queria casa na cidade; de ha muito trazia d'olho uma de porta e janella em certa rua, casa baratinha, d'arranjados. Zilda, um piano, e caixões e mais caixões de Escrich.

Dormiram felizes essa noite e no dia seguinte mandaram cedo á villa buscar gulodices de hospedagem: m a n t eiga, um queijo, biscoutos. Na manteiga houve vacillações.

— Não vale a pena, reguingou a mulher; sempre são tres mil réis. Antes me comprassem com esse dinheiro a peça de algodãosinho que tanta falta me faz.

— E' preciso, filha; ás vezes uma coisa de nada engambella um homem e facilita um negocio. Manteiga é graxa, e graxa engraxa.

Venceu a manteiga.

Emquanto não vinham os ingredientes metteu D. Izaura unhas á casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto de hospedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitôa manquitola, temperou a massa do pastel de palmito e estava a folheal-a, quando,

— Evem elle! gritou Moreira da janella, onde se postara, desde cedo, muito nervoso, a devassar a estrada por um velho binoculo; e sem deixar o posto de observação, transmittia á occupadissima esposa os pormenores divisados...

— E' moço... Bem trajado... Chapeu panamá... Parece o Chico Canhambora...

Chegou afinal o homem, apeou-se, deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhaes Fagundes. Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante mais que quantos, até aquella data, apearam ali.

Contou logo mil cousas, com o desembaraço de quem no mundo está de pijama como em casa sua, — a viagem, os incidentes, um mico que vira pendurado n'um galho d'embaúva. Entraram para a saleta de espera, e Zico, incontinente, grudou-se d'ouvido ao buraco da fechadura, d'onde cochichava ás mulheres occupadas na arrumação da mesa o que ia pilhando da conversa. Subito, esganiçou para a irmã n'uma careta suggestiva:

— E' solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres, e sumiu-se. Meia hora depois reappareceu, trazendo o melhor vestido, e no rosto duas redondinhas rosas de carmim. Quem a ess'hora penetrasse no oratorio da fazenda notaria nas rosas de papel de seda vermelho que enfeitava o S. Antonio a ausencia de varias petalas... e aos seus pés uma velinha accesa.

Na roça o *rouge* e o casamento saem do oratorio.

Trancoso dissertava sobre os mais variados themas agricolas.

— O c a n a s trão? Pff! Raça tardia, muito agreste. Eu sou pelo Pa l a n d Chine. Tambem não é mau o Large Black. Mas o Poland! que preciosidade! que raça! Moreira, chucro na materia, e só conhecedor das pelhancas famintas, sem nome nem raça, que lhe grunhiam em roda á casa, abria insensivelmente a bocca pasmado.

— Como em materia de pecuaria b o v i n a, continuava Trancoso, tenho para mim que andam todos, de Barretto a Prado, erradissimos. Nem selecção, nem cruzamento. Quero a adopção immediata das mais finas raças, o Polled Angus, o Red Lincoln. Não temos pastos? Façamol-os. Plantemos alfafa. Fenemos. Ensilemos. O Assis confessou-me uma vez...

O Assis! Aquella homem confessava os mais altos paredros de agricultura! Era intimo de todos elles, o Prado, o Barreto, o Cotrim... E de ministros! "Eu já allegueie isso ao Bezerra..."

Nunca a fazenda se honrára com cavalheiro mais distincto, assim bem relacionado e tão viajado.

Falava da Argentina e de Chicago como quem veiu hontem de lá. Maravilhoso! A bocca de Moreira abria, abria, e accusava o gráo maximo da abertura permittida a angulos maxillares, quando uma vozinha feminina annunciou o almoço.

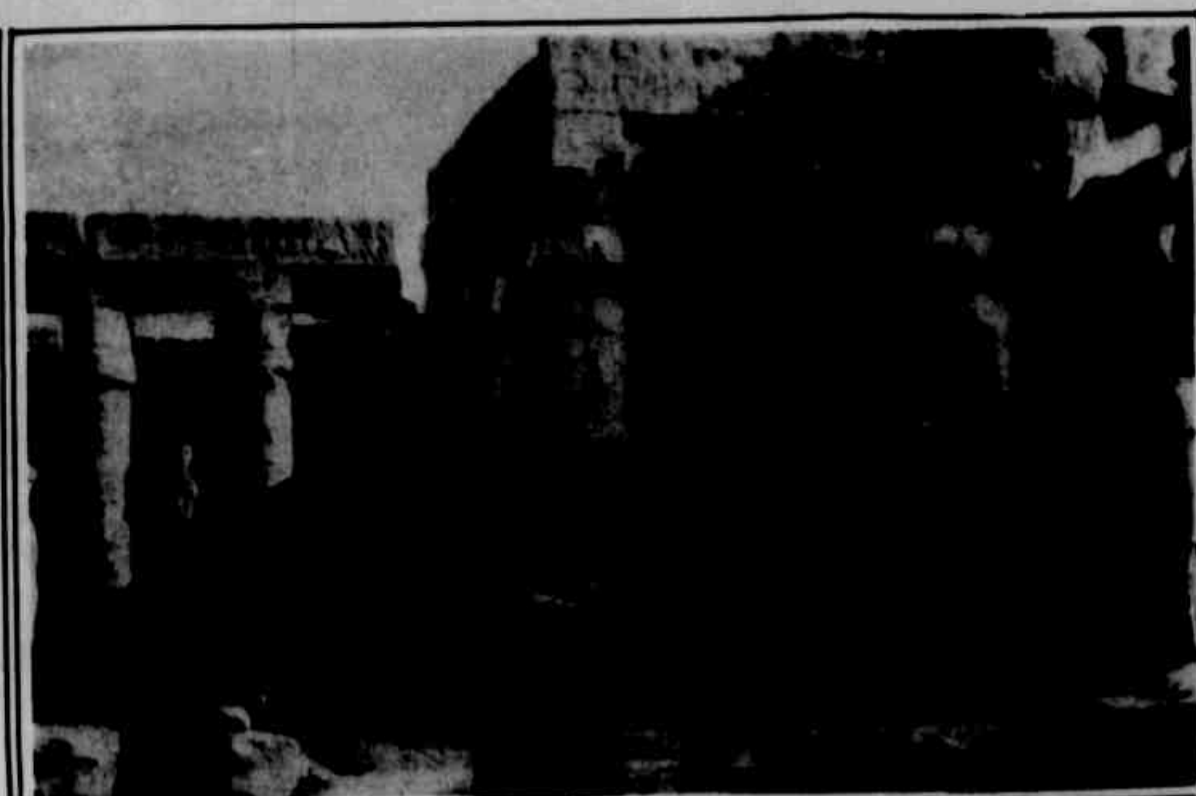
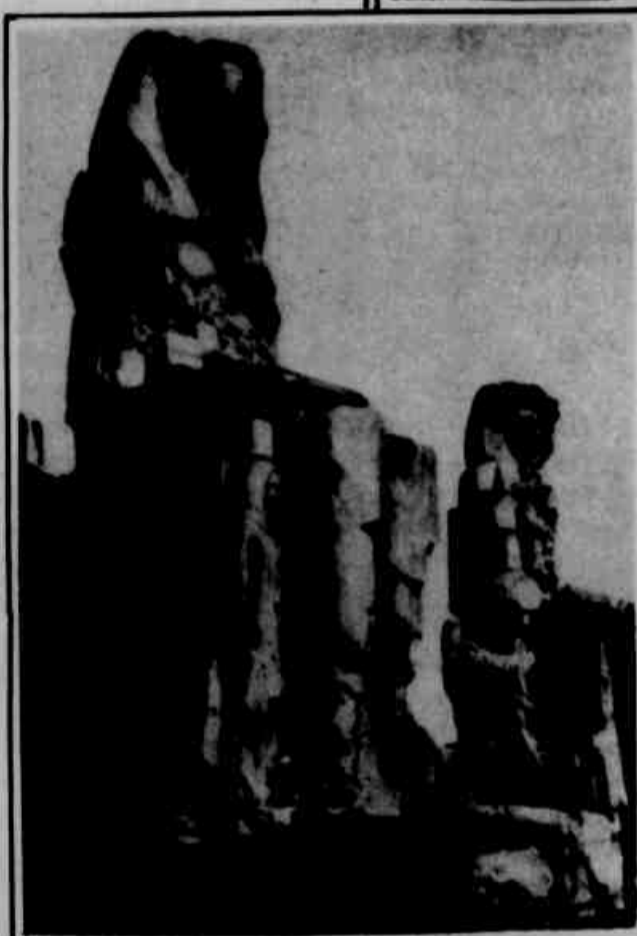
Apresentações. M e r e ceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puzeram de coração aos pinotes. Tambem os teve a gallinha ensopada, o tútu' com torresmos, o pastel e até a agua do póte.

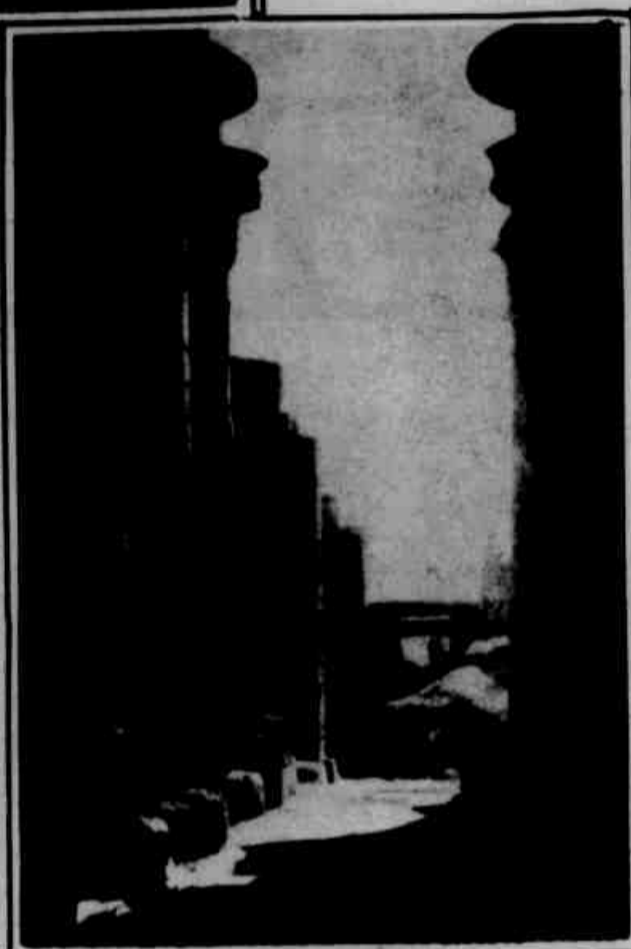
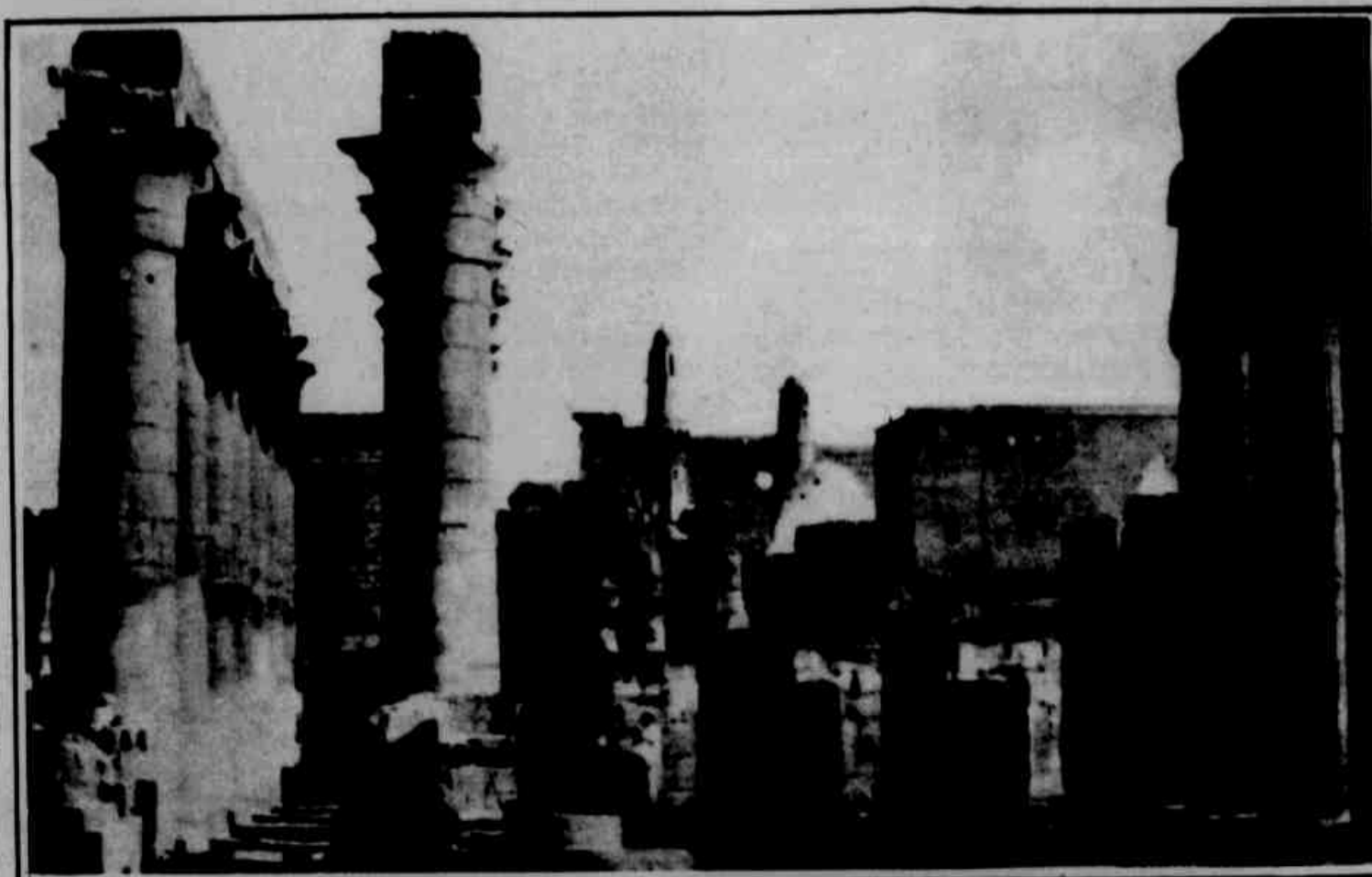
— Na cidade, senhor Moreira, uma agua assim pura, crystallina, absolutamente potavel, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebel-a!

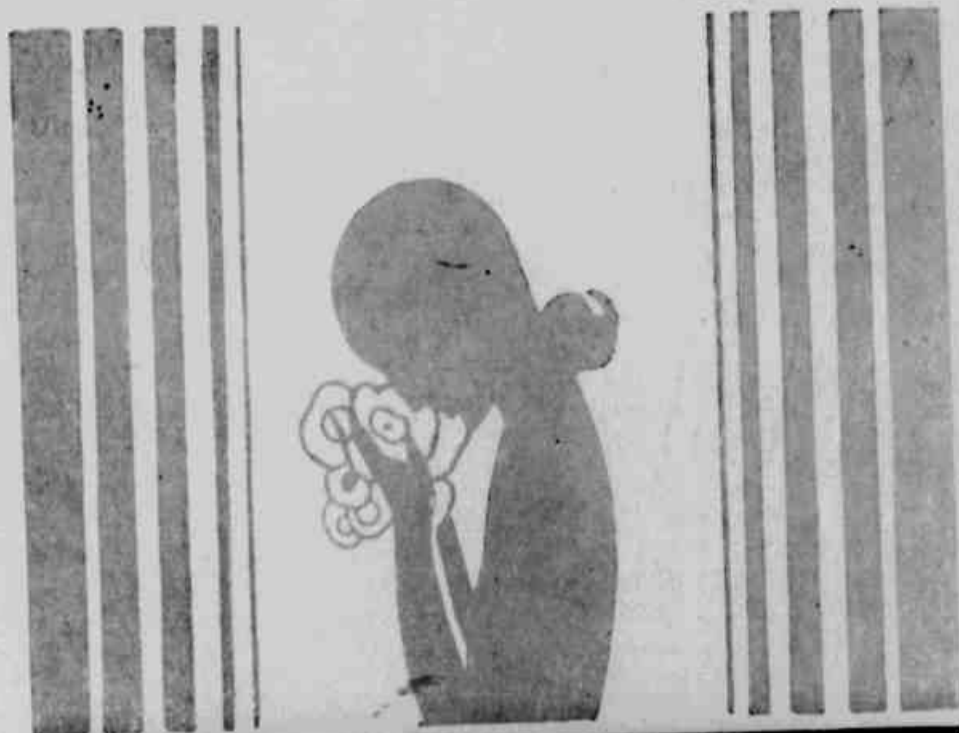
A familia entreolhou-se: nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e insensivelmente sorveu cada um o seu gole, como se naquelle momento travassem conhecimento com o precioso nectar. Zico chegou a estalar a lingua.

Quem não cabia em si de

(Continúa no proximo numero).

O VELHO ORIENTE

O templo de Luxor

Collossos de Memnon, Thebas

Templo de Karnac

O Rameseum de Thebas

O templo de Luxor

Photos de Emma Schubrow

ANTISEPTICO
PRESERVATIVO
DELICIOSAMENTE
PERFUMADO

A moça do sitio de Yoyo Coelho

(F I M)

não se conteve que não confiasse ao seu vizinho de cadeira e collega de turma, Everaldo Coutinho:

— Essa musica me arrepia todo...

— De deliciosa emoção?

— Não: de horror...

— Sim... Eu me conto...

Aproveitando o intervallo, no terraço do theatro, olhando um trecho do Capibaribe todo pingado de luzes, Angelo poz o amigo ao corrente da sua aventura no sitio do finado Yoyo Coelho... Nunca falara a ninguem, naquillo. As proprias mocinhas, a propria Adelaide, escondera a proeza, affirmando haver tirado isso da idéa... Não valia a pena... A casa do sitio não teria mysterio algum... Superstições, cavillações do povo ignorante... Tomaram-no por medroso... Sungou os hombros... E foi de novo para a capital, estudar. Agora, entretanto, a sonata levava-o a uma confidencia.

Everaldo não se mostrou surpreso:

Conheci essa moça... Edméa Monsuro...

— Você?

Perfeitamente. Lindissima moça. Dansámos juntos numa festa do Monteiro. Lindissima e prendada. Um dos premios do Conservatorio de musica do Rio... Um orgulho do pae...

— O que!

— Estava noiva de um engenheiro carioca. Nasceu-lhes o namoro lá, quando ella cursava o Conservatorio. Depois, quando a familia voltou a Pernambuco, o rapaz já noivo achou geito de se collocar aqui numa fabrica... O casamento seria breve, num auspicio da maior ventura porque havia amor e dinheiro... Um dia, porém, Edméa começou a notar alterações na pelle... Manchas, insensibilidade, um quê de exquisito nas orelhas... Peorava... Chamou a attenção do pae. Elle, assustado, porque houvera annos antes um caso de lepra na familia, recorreu a especialistas, foi a Rio... De regresso, não havia mais duvidas...

— Que cousa horrivel!

— Nem mesmo a moça podia mais duvidar... O rosto alterava-se-lhe dia a dia... O noivo, pretextanto um chamado, embarcou para o Rio, ficou por lá... E foi quando o pae de Edméa, querendo poupal-a á curiosidade alheia e evitar o contagio para o resto da familia, — um filho casado com tres creanças — resolveu comprar essa tal fazenda...

— O sitio do finado Yoyo Coelho...

— ... e lá, renunciando á sociedade, ao mundo, viver para sempre com a filha leprosa...

MARIO SETTE

PO' LADY

Cx. 2$5 Cx. 2$5

E' O MELHOR E NÃO E' O MAIS CARO!!

NAS

PERFUMARIAS LOPES

RIO — S. PAULO

CASA BAZIN — PERFUMARIA CAZAUX E OUTRAS

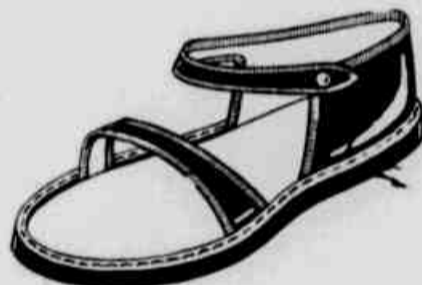
CASA GUIOMAR

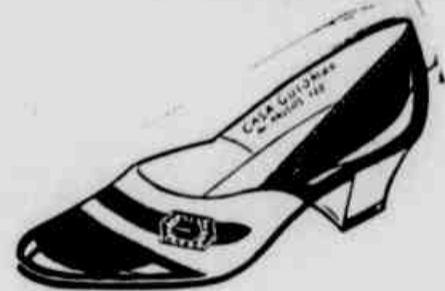
CALÇADO "DADO" — A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

E' O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS

ULTIMAS NOVIDADES PARA VERÃO

28$ — **Fina pellica envernizada, preta e lindo laço de fita, todo forrado de pellica branca, salto mexicano.**

30$ — **O mesmo feitio em pellica marron, todo forrado de pellica beige, salto mexicano.**

Alpercata typo frade em vaqueta marron claro, toda debruada

De ns.	17 a 26		6$000
" "	27 a 32		7$000
" "	33 a 40		9$000

32$ — **Chic sapato em fino couro naco branco lavavel e combinação de chromo cor de vinho, ou pellica envernizada preta, todo forrado de pellica branca, salto mexicano.**

ULTIMA NOVIDADE

Linda e fina alpercata em superior velludo de lindas cores, toda forrada e caprichosamente confeccionada, exclusiva da

CASA GUIOMAR

De ns.	17 a 26	10$000
" "	27 a 32	12$000
" "	33 a 40	14$000

32$ — **Moderníssimo sapato em fina pellica marron, typo bataclan todo forrado de pellica beige, salto mexicano.**

35$ — **O mesmo feitio todo de naco branco lavavel, ou combinação de pellica marron, ou todo de pellica azul e vermelho, salto mexicano.**

35$ — **Moderno sapato em fina pellica envernizada preta com lindo laço, todo forrado de pellica branca, salto Luiz XV, cubano alto.**

37$ — **O mesmo feitio em pellica Bois de Rose tambem Luiz XV alto e laço de fita.**

Porte 2$500 sapatos, 1$500 alpercatas em par

Pedidos a *Julio de Souza* — Avenida Passos, 120 — Rio. — Telephone 4-4424

Já usou a JUVENTUDE ALEXANDRE? E' o tonico querido dos que amam a eterna mocidade e a belleza. Com o seu emprego, os cabellos voltam ao estado primitivo. Encontra-se em todas as pharmacias e drogarias pelo preço de 4$000 o vidro e 6$400 pelo correio. Depositarios: *Casa Alexandre* — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

O MAIOR ENCANTO DAS CREANÇAS — ALMANACH D'O TICO-TICO PARA 1931

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado pelo DR. EDUARDO FRANÇA (concessionario). A SALSA, CAROBA E MANACÁ, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

É o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

O REI DOS DEPURATIVOS

NENHUM O IGUALOU AINDA

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Perú, Bolivia, etc.

PREÇO: — 4$000.

O DR. EDUARDO FRANÇA envia gratis, a quem pedir, pelo Correio, o interessante jornalzinho — "LUGOLINA & SALSA" — Av. Mem de Sá n. 72 — Rio de Janeiro.

Para todos...

Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - Gerente Antonio A. de Souza e Silva. Assignatura: Brasil — 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro — 1 anno,....... 85$000; 6 mezes, 45$000.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro deve ser dirigida para a rua da Quitanda, 7 — Rio de Janeiro.

Cidades de amor e de martyrio

(F I M)

dades nocturnas", exclamava um amigo meu, "é identica á gloria de um novellista que creou um typo ou á de um Deus que creou um homem. Gloria justa. Accaso a gloria de Colombo, ao descobrir a America, não foi tão grande quanto a gloria do Deus que a fez? Nós somos os descobridores das cidades nocturnas e, de certo modo, os seus creadores. Somos, além disso, os unicos que conhecemos os elementos basicos que formam a alma carioca". Não terá razão esse meu amigo? Não será razoavel o orgulho dos que entram nas cidades das quaes se compõe o Rio nocturno? Não é precisamente á noite que as cidades revellam os traços essenciaes de sua alma? Das 24 cidades do Rio de Janeiro — cada cidade correspondendo a uma hora das 24 do dia — as unicas que, mais ou menos, definem a gente carioca são as nocturnas. Não olvidemos a advertencia daquelle poeta oriental: "Se queres conhecer a capacidade de uma metropole para o amor e para o martyrio, passa uma noite em suas ruas".

Cidades nocturnas:

Cidades de amor e de martyrio.

NELSON RODRIGUES

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

N. 734 — FIFI (Botafogo) — Vejo boas palavras em um banquete fóra de casa. Uma pessoa intermediaria vos trará novidades pela porta da rua que serão surpresas pouco agradaveis. A caminhos breves virá uma carta com boas noticias de pessoa amiga ausente. Haverá ligeira desintelligencia entre um homem da lei e um militar.

N. 735 — JURACY ANDRADE (Rio Claro) — Uma falsa amiga vos será infiel revelando um segredo que lhe confiastes e violando vossa correspondencia com cinco sentidos. Derramareis algumas lagrimas e tereis desassocego. Virá depois a bonança e uma pequena viagem de bons resultados. Recebereis pequenos dinheiros de uma pessoa com quem não contaes. Felicidade duradoura no futuro.

N. 736 — CARMINHA (Pelotas) — Um joven de boa posição de fortuna e que vos estima vos fará uma promessa que será cumprida com prazer. Recebereis ainda uma prenda de valor. Vejo um matrimonio feliz no futuro, feito com muita alegria. Haverá doença de pouca gravidade em uma pessoa idosa fóra de casa. Uma indisposição passageira em uma mulher clara.

N. 737 — M'lle IPÊ (?) — A caminhos vagarosos vem uma carta que vos dará algum constrangimento. Um homem de negocios se ausentará desgostoso, sendo de curta duração esta ausencia. Vejo traição de uma falsa amiga que será cortada por um vizinho benevolo e uma pessoa intermediaria que vos estima. Recebereis no proximo correio uma carta com boas palavras.

N. 738 — MARIA JOSE' (Rio) — Em horas de comidas e bebidas tereis um desgosto passageiro causado pela leviandade de um joven. Vejo desvio de pequenos dinheiros, attribulações de uma mulher morena e que não é joven, assim como de um homem de negocios. Haverá desconfiança e maus juizos mas por fim acabará tudo em paz, vendo-se ventura duradoura e alegria no futuro.

N. 739 — SÓZINHA (Sta. Victoria) — Um joven que vos estima se ausentará sem motivo e sómente depois dará noticias suas. Vejo desvio de correspondencia e pequena desharmonia entre um militar e homem da lei que se afastará desgostoso.

Deveis ouvir os conselhos de um homem idoso e de bom parecer que vos estima. Uma vizinha intrigante dirá mal de vós sem resultado pois não será levada a serio.

N. 740 — NELLY (Poços de Caldas) — Pela porta da rua sabereis de novidades trazidas por uma mulher de bom coração e que vos presta serviços. Por causa de um joven pouco sincero vejo lagrimas desgostos, ciumes e até ligeira indisposição que passará com uma viagem de pouca duração. Tereis breve uma alegria motivada por um acontecimento feliz e inesperado.

N. 741 — FLÔR DE LYS (Minas) — Vejo dinheiros grandes e obstaculos a um matrimonio que será realizado, afinal no futuro com muita alegria.

Haverá uma viagem de certa duração e bom exito nos negocios de um homem que se preoccupa com o vosso futuro. Vejo ainda uma doença de certa gravidade fóra de casa em pessoa amiga que terá de se ausentar por algum tempo.

N. 742 — VALINA (Rio de Janeiro) — Pequenos desgostos motivados por uma vizinha intrigante e que vos deseja fazer mal. Brevemente recebereis uma prenda que vos será offerecida com muito gosto por uma pessoa que vos estima. Isto despertará ciumes em um joven que tem pretenções a vosso respeito. Uma mulher clara vos dirá más palavras.

N. 743 — T. VIOLETA (Cidade) — Haverá uma paixão violenta de um homem de negocios que se encherá de desgostos por não se julgar correspondido nos seus affectos. Vejo mais uma desordem provocada por um militar e devida á leviandade de um joven. Uma pessoa intermediaria vos fará uma promessa que não será cumprida.

N. 744 — YVONNE L. (Cidade) — Vejo nesta casa dinheiros grandes e enredos de uma mulher de mau coração e intrigante que tem inveja de vossa ventura. Haverá tambem uma rival que se ausentará com ciumes por causa de um casamento vantajoso. Ides receber dinheiros pequenos e uma carta com boas noticias.

N. 745 — ORESTES PANZARIN (Itatiba) — Haverá seducção e depois um processo e condemnação por uma pendencia na justiça. Um homem da lei intervirá melhorando a situação. Apparece depois calma e relativa felicidade no futuro, assim como uma pequena viagem de bons resultados. Vejo, por fim, melhoria de posição e ventura duradoura.

N. 746 — AMECARI (Fortaleza — Ceará) — Em horas de comidas e bebidas haverá discussão e desintelligencia por vossa causa entre um homem de farda e um homem de negocios. Uma vizinha faladora dirá mal de vós, porém não será acreditada. Vejo doença grave, fóra de casa, em uma pessoa edosa e de bom coração.

N. 747 — NIN PONG (Minas) Um homem de negocios já edoso e um outro que se preoccupa com o vosso futuro se ausentarão temporariamente em viagem de bom resultado. Vejo bom exito nos negocios deste homem claro e que vos estima.

Haverá no futuro um casamento feito com sympathia embora com pouca fortuna. Sereis ainda bastante feliz.

N. 748 — PRINCIPE DOS COSSACOS (Rio) — Vejo uma desillusão breve e desgostos que vos assaltarão por causa das leviandades de uma mulher morena.

Um joven se ausentará por doente. Uma mulher que vos presta bons serviços ao lado de um homem edoso evitarão o mal que um rival vos pretende fazer. Tereis bom exito em vossos negocios.

N. 749 — DOLORES COSTELLO (V. Isabel) — Brevemente tereis uma surpresa agradavel que virá pela porta da rua e trazida por uma pessoa intermediaria. Recebereis tambem uma carta de reconciliação de pessoa desaffecta e ausente. Uma mulher que vos deseja o mal pretenderá fazer intrigas envolvendo vosso nome na presença de um homem edoso que vos defenderá.

N. 750 — MISS FEIA (V. Isabel) — Ides receber no futuro algum dinheiro com que não contaes. Tereis tambem bom exito em um negocio que vos será proposto por uma pessoa intermediaria e amiga que deseja o vosso bem. Vejo ainda pequenos desgostos causados pelo desvio da correspondencia de um joven que se ausentará por doente.

N. 751 — EU TE VI (Paquetá) — Vejo breve o matrimonio de um homem que se preoccupa com o vosso futuro. Haverá pequena desintelligencia entre um homem de negocios e um homem da lei já edoso, motivada por questões de dinheiro. Uma mulher intrigante dirá más palavras a vosso respeito e um vizinho benevolo vos defenderá com empenho.

N. 751 — POETISA FRANCEZA (?) — Vejo alegria no futuro por serem vencidos os obstaculos oppostos a um matrimonio feliz. Deveis escutar os conselhos de um homem edoso e de bmo parecer que vos estima e vos quer encaminhar para o bem. Haverá uma viagem de pouco resultado e uma doença passageira em pessoa amiga e que vos tem prestado bons serviços.

N. 753 — FLORA (I. do Governador) — Tereis no futuro uma paixão que não será correspondida e que vos trará serios desgostos. Uma rival melhorará de posição e ficará muito satisfeita. Vejo depois que tereis um pouco de felicidade após uma viagem feita inesperadamente. Haverá ainda um matrimonio feliz com poucos dinheiros, porém muita alegria.

N. 754 — TRISTE JANDAIA (Rio de Janeiro) — Após um banquete recebereis um mimo de amor e um joven que vos estima vos fará uma promessa que será cumprida no futuro. Haverá traição por parte de uma falsa amiga que vos dirá ainda más palavras. Breve sabereos de novidades em uma carta que vos será trazida por uma mulher morena e que vos estima.

KHOM-EL-AHMAR

SEM ARTHRITISMO
SEM DORES RHEUMATICAS
DEPURANDO E TONIFICANDO
O SANGUE COM O
TAYUYA'
DE S. JOÃO DA BARRA
TEREIS SEMPRE
SAUDE E BEM ESTAR